

**EM CASO DE
DÚVIDA,
PROCURE(SE)**

**MARIANA
SCHANTZ**

PORTO ALEGRE, 2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
Curso de Bacharelado em Artes Visuais

Mariana Schantz Santana

EM CASO DE DÚVIDA, PROCURE(SE)

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial e obrigatório para
obtenção de grau de Bacharel em Artes Visuais
no Instituto de Artes da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul.

Orientação:

Profa. Dra. Jéssica Araújo Becker

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Alessandra Lúcia Bochio

Prof. Dr. João Carlos Machado

Porto Alegre, 2023

CIP - Catalogação na Publicação

Santana, Mariana Schantz
Em Caso de Dúvida, Procure(se) / Mariana Schantz
Santana. -- 2023.
85 f.
Orientadora: Jéssica Araújo Becker.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Curso de Artes Visuais, Porto Alegre, BR-RS,
2023.

1. Cotidiano. 2. Identidade. 3. Subjetividade. 4.
Site-oriented. 5. Arte de ação. I. Becker, Jéssica
Araújo, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe Miriane, e à minha irmã Liana, por todo o amor, por sempre acreditarem em mim, e por sempre apoiarem meu desejo de criar arte;

Agradeço aos amigos do peito, Julia Garcia e Laura Fagundes, por me ajudarem e fazerem companhia enquanto realizava a ação com a banca;

Agradeço ao meu anjo, Luísa Onofre, por compartilhar do suor, lágrimas e surtos do período de conclusão de curso - a gente finalmente conseguiu!

Agradeço à minha orientadora, Jéssica Becker, por todo o apoio, incentivo e carinho ao longo do processo de criação desta pesquisa;

Agradeço aos professores Alessandra Bochio e Chico Machado, pelas referências e orientações durante a pré-banca;

Agradeço à minha dinda, Alexsandra, pelo suporte técnico que me possibilitou escrever este trabalho;

Agradeço à minha gata, Cereza, por me acompanhar em longas madrugadas enquanto escrevia;

Agradeço ao restante da minha família e amigos pela aceitação e carinho com as minhas loucuras;

Agradeço à todas as pessoas que participaram de ambas proposições, e que tornaram esta pesquisa possível;

E agradeço a todos os estranhos que (des)encontrei, e todos que ainda irei (des)encontrar.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso busca investigar as subjetividades das identidades do Eu, do Outro, e do Nós enquanto seres individuais e plurais dentro de um espaço de sociedade, utilizando como contexto dessas investigações o âmbito da cidade e do cotidiano. Dividida em duas partes, a pesquisa escolhe como ferramenta investigativa a criação de proposições artísticas acionais, executadas em diferentes recortes da cidade de Porto Alegre/RS. A primeira parte se desenvolve da proposta de uma banca de oferta de nomes, posicionada no Parque Redenção; essa ação busca explorar o nome próprio como símbolo de identidade do indivíduo social, e a reflexão sobre as trocas entre o Nós. A segunda parte se caracteriza pela criação de uma situação de deriva, no bairro Centro Histórico; essa situação propõe ao indivíduo vivenciador a procura de si no espaço urbano e a (auto)reflexão sobre a subjetividade do Eu fora de si mesmo. Este estudo apresenta como referenciais teóricos pesquisadores como Nicolas Bourriaud, Flávia Gonçalves da Silva, Norbert Elias, *Situationist International* e Miwon Kwon; bem como práticas comparadas de acionistas como Marilyn Arsem, Hervé Fischer, Jéssica Becker e Yoko Ono.

Palavras-chave: Cotidiano, identidade, subjetividade, *site-oriented*, arte de ação

ABSTRACT

This course completion work seeks to investigate the subjectivities of the identities of the Self, the Other, and the We as individual and plural beings within a space of society, using the scope of the city and everyday life as the context of these investigations. Divided into two parts, the research chooses as an investigative tool the creation of actional artistic propositions, executed in different parts of the city of Porto Alegre/RS. The first part develops from the proposal of a stand that offers names, positioned in Redenção Park; this action seeks to explore the first name as a symbol of identity of the social individual, and the reflection on the exchanges between the We. The second part is characterized by the creation of a situation of drift, in the Historic District neighborhood; this situation proposes to the experiencing individual the search for himself in the urban space and the (self)reflection on the subjectivity of the Self outside of himself. This study presents as theoretical references researchers such as Nicolas Bourriaud, Flávia Gonçalves da Silva, Norbert Elias, Situationist International and Miwon Kwon; as well as comparative practices of actionists such as Marilyn Arsem, Hervé Fischer, Jessica Becker and Yoko Ono.

Keywords: Everyday, identity, subjectivity, site-oriented, action art

SUMÁRIO

ÍNDICE DE IMAGENS.....	7
INTRODUÇÃO.....	8
PARTE I. DE TROCAS E ENCONTROS.....	12
1 . PERFORMANCES COTIDIANAS.....	13
Viver como fazer artístico.....	13
(Des)encontros.....	15
2 . OFERTA-SE NOMES.....	17
Catalogar Identidades.....	17
O ato de nomear.....	22
A narrativa do Outro.....	26
3 . TA·XO·NO·MI·A.....	33
4 . LAÇOS E NÓS.....	41
<i>Son·der</i>	41
E quem eu penso que sou?.....	45
PARTE II. DE BUSCAS E PERTENCIMENTOS.....	47
5 . PROPOR ARTE.....	48
Proposta e Partícipe.....	48
O indivíduo em contexto.....	51
6 . EM CASO DE DÚVIDA, PROCURE(SE).....	53
A Cidade e o Reflexo.....	53
Buscar por Si.....	54
7 . NARRATIVAS NÔMADES.....	60
8 . ENCONTRAR(SE?).....	67
Pertencer Deslocado.....	67
∞	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
REFERÊNCIAS.....	79

ÍNDICE DE IMAGENS

1. MARIANA SCHANTZ. <i>O desenho que ela escuta</i> . Porto Alegre, 2019.....	9
2. MARIANA SCHANTZ. <i>Vende-se</i> . Porto Alegre, 2022.....	9
3. O catálogo de nomes. 2023.....	19
4. O catálogo de nomes. 2023.....	19
5. MARIANA SCHANTZ . <i>Oferta-se Nomes</i> . Porto Alegre, 2023.....	24
6. JÉSSICA BECKER. <i>Banca dos Problemas</i> . Colômbia, 2013.....	25
7. JÉSSICA BECKER. <i>Banca dos Problemas</i> . Colômbia, 2013.....	25
8. MARIANA SCHANTZ. <i>Oferta-se Nomes</i> . Porto Alegre, 2023.....	28
9. MARIANA SCHANTZ. <i>Oferta-se Nomes</i> . Porto Alegre, 2023.....	29
10. MARIANA SCHANTZ. <i>Oferta-se Nomes</i> . Porto Alegre, 2023.....	29
11. HERVÉ FISCHER. <i>Farmácia Fischer & Cia</i> . São Paulo, 1975.....	30
12. HERVÉ FISCHER. <i>Farmácia Fischer & Cia</i> . São Paulo, 1975.....	30
13. MARILYN ARSEM. <i>Disintegration</i> . Helsinki/Finlândia, 2015.....	32
14. MARILYN ARSEM. <i>Disintegration</i> . Helsinki/Finlândia, 2015.....	32
15. ANA FLÁVIA BALDISSEROTTO. <i>Armazém de Histórias Ambulantes</i> . Porto Alegre, 2007.....	44
16. ANA FLÁVIA BALDISSEROTTO. <i>Armazém de Histórias Ambulantes</i> . Porto Alegre, 2007.....	44
17. LA MONTE YOUNG. <i>Composition 1960 #10</i> . 1960.....	50
18. NAM JUNE PAIK . <i>Zen for a Head</i> . Alemanha, 1962.....	50
19. Imagem de divulgação da proposição <i>Em Caso de Dúvida, Procure(se)</i> . Porto Alegre, 2023.....	56
20. YOKO ONO. <i>Map Piece</i> . 1964.....	58
21. JÉSSICA BECKER. <i>Esperando Jéssica</i> . Valência/Espanha, 2009-2010.....	59
22. JÉSSICA BECKER. <i>Esperando Jéssica</i> . Valência/Espanha, 2009-2010.....	59
23. MARIANA SCHANTZ. <i>Em Caso de Dúvida, Procure(se)</i> . Porto Alegre, 2023.....	68
24. MARIANA SCHANTZ. <i>Em Caso de Dúvida, Procure(se)</i> . Porto Alegre, 2023.....	68
25. MARIANA SCHANTZ. <i>Em Caso de Dúvida, Procure(se)</i> . Porto Alegre, 2023.....	68
26. MARIANA SCHANTZ. <i>Em Caso de Dúvida, Procure(se)</i> . Porto Alegre, 2023.....	68
27. Todos os lugares em que (não) me encontrei.....	71
28. Todos os lugares em que (não) me encontrei.....	71
29. Todos os lugares em que (não) me encontrei.....	71
30. LENORA DE BARROS. <i>Procuo-me</i> . São Paulo, 2006.....	73
31. Um diagrama de algumas identidades da artista. 2023.....	74

INTRODUÇÃO

“Eu crio pois eu sei como.
Eu sei o quão **bom-para-nada** eu sou, isto é.
Arte, como comunicação, é o contato entre o
bom-para-nada em um e o **bom-para-nada nos outros.**”

Robert Filliou

A dúvida determina o âmago desta dissertação. Dúvida de quem sou, de onde estou, de onde pertenço, de como me chamo. Dúvida de se sou visto, se sou reconhecido, se sou compreendido, ou se eu mesmo me compreendo. Dúvidas requerem respostas, ou pelo menos tentam pedir por uma; não garanto fornecer respostas absolutas, mas sim meios para que elas possam ser encontradas.

Dúvidas como combustível criativo não são novidade no meu fazer arte, em especial as dúvidas do(s) Eu(s). Seja pela (des)construção da persona por meio da privação e expansão de sentidos em *O desenho que ela escuta* (figura 1), ou as formas de realizar trocas com o Outro pela oferta de itens que só podem ser comprados com ações e performances de *Vende-se* (figura 2). Mesmo sem conseguir apontar com exatidão quando que as dúvidas do(s) Eu(s) começaram a se manifestar como um meio do meu pensar e criar na arte, sei que sua presença foi gradualmente se expandindo, até chegarmos no dado momento desta pesquisa, que se apresenta não como o ponto final de uma jornada, mas como recorte de uma narrativa ainda em desenvolvimento.

“*Em Caso de Dúvida, Procure(se)*” busca investigar, e servir como possível mecanismo de reflexão, sobre as subjetividades das identidades do Eu, do Outro, e do Nós enquanto seres individuais e plurais dentro de uma sociedade, utilizando como contexto dessas investigações e reflexões o espaço urbano da cidade e do cotidiano.

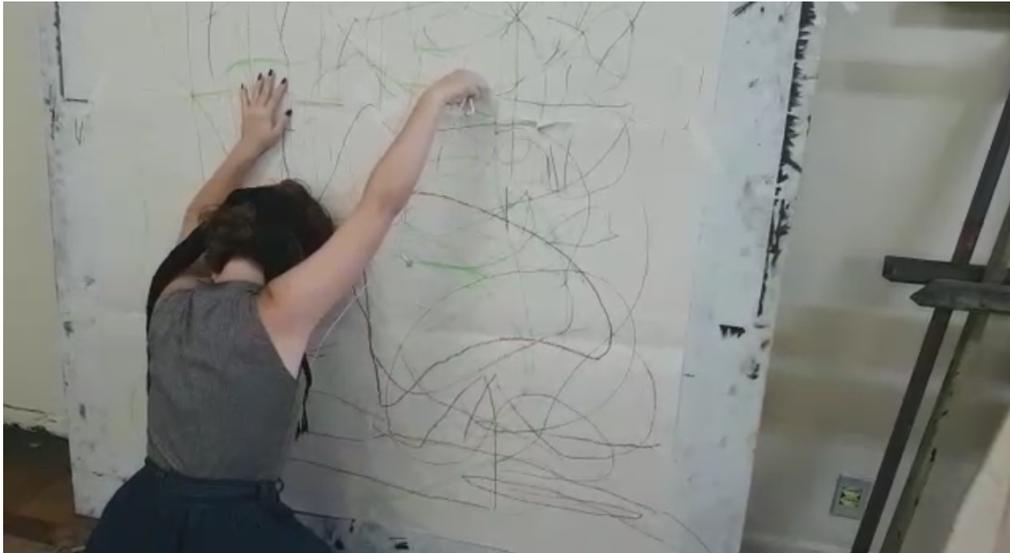


Figura 1: MARIANA SCHANTZ - “O desenho que ela escuta”, 2019. Foto: Jéssica Becker



Figura 2: MARIANA SCHANTZ - “Vende-se”, 2022. Foto: Experimento de Performance N°37

Como método prático-teórico, recorro à arte como comunicação, a criação de proposições artísticas em âmbito público na cidade de Porto Alegre/RS, que possuem como propulsores questões como a diferença e as intersecções como fatores determinantes de identidade, como caracterizamos nossa identidade por meio de símbolos dentro da sociedade e no espaço ao nosso redor, como ver-se a si mesmo, como o Outro nos vê, e como nós nos vemos enquanto coletividade social. Divido então essas questões em duas propostas acionais, cada uma abordando, pelo menos, um aspecto distinto das investigações; consequentemente, divido o desenvolvimento escrito desta pesquisa em duas partes.

Na **Parte I. De Trocas e Encontros**, abordo questões sobre o cotidiano, as intersecções entre o Eu e o Outro, e a reflexão sobre a percepção do Nós, pela investigação dos símbolos. Posicionando uma banca no Parque Farroupilha, popularmente conhecido como Redenção, a ação **Oferta-se Nomes** explora o nome próprio como símbolo de identidade do indivíduo social.

Além de explicitar sobre o processo da criação e execução dessa banca, do catálogo de nomes utilizado como material de apoio da ação, e das conclusões do pós-ação e pós-trocas, trago como alguns dos embasamentos teóricos para esta parte os estudos sobre o cotidiano de Nicolas Bourriaud, as relações simbólicas e intercâmbios contínuos entre os indivíduos de Marc Augé e Flávia Gonçalves da Silva, e o nome-símbolo como forma de exploração sobre a identidade-eu de Norbert Elias. Dos referenciais práticos para a obra, cito nomes da arte acional como Jéssica Becker, Hervé Fischer, e Marilyn Arsem.

Na **Parte II. De Buscas e Pertencimentos**, caracterizo as situações como meios de fazer-propor-arte, o partícipe como autor-criador, a cidade como contexto espacial e de atuação, e a (auto)reflexão da subjetividade do Eu fora de si mesmo. Apresento neste momento a ação **Em Caso de Dúvida, Procure(se)**, que propõe ao indivíduo vivenciador a procura de si no espaço urbano, pelas práticas de deriva e *site-oriented*.

Simultâneo à apresentação do processo de criação e dos relatos - meu e dos vivenciadores - sobre a proposição, trago como alguns dos referenciais teóricos desses conceitos o Manifesto Situacionista do grupo *Situationist International*, o contexto social de Kathryn Woodward, a Teoria da Deriva de Guy Debord, as definições de *site-oriented* de Miwon Kwon, e os estudos sobre descentralização da identidade de Stuart Hall. Das práticas comparadas, trago nomes como La Monte Young, Nam June Paik, Yoko Ono, Lenora de Barros, e Jéssica Becker.

Por fim, nas **Considerações Finais**, apresento as análises e conclusões sobre a coletividade desta pesquisa no momento do pós-ações, assim como uma breve exposição sobre o âmbito que configura seu princípio de desenvolvimento, e uma reflexão sobre suas possibilidades de desdobramentos futuros.

PARTE I. DE TROCAS E ENCONTROS

¹ o que se faz ou ocorre diariamente;

² conjunto de ações que ocorrem com alguém todos os dias, de maneira habitual e sucessiva.

(Michaelis, 2023)

1 . PERFORMANCES COTIDIANAS

Viver como fazer artístico

Existem dois momentos em que o cotidiano rege meu fazer arte. O primeiro momento é o que classifico como “criar em movimento”. Por “movimento”, de forma mais precisa, me refiro à ação ativa do viver; o andar na rua, de um ponto a outro; o sentar no banco de um ônibus e esperar ele chegar em um certo destino - e, enquanto isso, observar a cidade se renovando pela janela; o escutar a voz de alguém chamando pelo meu nome, virar para trás e perceber que foi apenas engano de uma mente divagante. Esse momento é o que pode ser considerado, alternativamente, como o princípio do fazer, de onde as ideias nascem, crescem, para então evoluírem para algo maior - ou não.

O segundo momento aparece como consequência possível do primeiro. Aqui o movimento não mais é apenas fonte de estímulo criativo, uma oportunidade para inspiração, mas sim a própria ferramenta do fazer arte, o criar com; andar se torna um meio, a espera vira uma escolha voluntária, e podemos até nos transformar na pessoa que chama pelo nosso nome.

Pois para falar de arte e vida é preciso evidenciar a experiência do artista com os possíveis cotidianos; seus procedimentos, esquemas de operações e manipulações técnicas escolhem a influência de fatores discursivos, adquiridos, e/ou ocasionais (De Certeau, 1990) do espaço-tempo em que ele existe. Em outras palavras, é quando aquilo que o torna indivíduo se traduz para aquilo que o torna criador. Vale também ressaltar que, tanto aquilo que pode ser romantizado entre o artista e o redor (o ouvir, ver, cheirar, e sentir), quanto a realidade

irromantizável (o espaço-tempo capitalista), fazem parte desses possíveis que movem a arte e vida. Como Seidel ¹ denuncia:

Vivemos em uma sociedade de consumo, onde o ter prevalece sobre o ser, onde tudo pode e nada pode ao mesmo tempo, um lugar onde as pessoas simplesmente sobrevivem, indo em busca de bens de consumo, vivendo para o trabalho e não simplesmente para ser feliz e fazer os outros felizes. (Seidel, 2016)

Caracterizando esses momentos e possibilidades, posso então apresentar o ponto de partida desta pesquisa, que define seu âmago na ação do viver como um meio da arte, uma arte de ação². Aqui, o fazer arte se desmaterializa, e opta por tomar o campo do ato simbólico, onde “trabalhos de arte são signos que carregam ideias, não são coisas em si, mas símbolos ou representantes de coisas” (Lippard, 2013, pg.155). Opta por ser uma arte viva, que coexiste com a realidade (Ardenne, 2006), porém se posiciona contra a corrente de uma sociedade apenas de consumo capital. Uma arte para aprender a habitar melhor o mundo.

Em outros termos, as obras já não perseguem a meta de formar realidades imaginárias ou utópicas, mas procuram constituir modos de existência ou modelos de ação dentro da realidade existente(...) o artista habita as circunstâncias dadas pelo presente para transformar o contexto de sua vida (...) (Bourriaud, 2009, pg.18-19)

Com esse conceito de Bourriaud,³ consigo me aproximar de forma mais objetiva do que proponho com a primeira parte desta pesquisa: um momento para entender melhor sobre o Eu, o Outro e, principalmente, sobre o Nós.

¹ Marisa Frohlich Seidel: Professora na rede pública municipal de Santa Rosa RS. Licenciada em Desenho/FEMA/RS, pós-graduada em Arte e Educação/Uniassevi/SC.

² Campo artístico que se define dentro da arte contextual por dar ênfase ao ato criador, a ação e o processo do artista. (*Arte de acción*. Disponível em: <https://es.wikipedia.org/wiki/Arte_de_acci%C3%B3n> Acesso em: 02/08/2023).

³ Nicolas Bourriaud (1965): curador e crítico de arte. Publicou reflexões sobre arte contemporânea, destacando-se dentre elas os livros *Pós-Produção* e *Estética Relacional*.

¹ qualidade de subjetivo, individual, particular;
relativo ou próprio do indivíduo;

² mundo interno de todo e qualquer ser humano.
(Dicio, 2018; Wikipédia, 2022)

(Des)encontros

De acordo com a matemática básica e o sistema de numeração decimal, uma dezena é formada por dez unidades, assim como uma centena é por cem, um milhar por mil, e assim sucessivamente. Como essas centenas de milhares que começam em uma pequena unidade, o preceito de sociedade começa no Eu; Eu-indivíduo, o Eu-sujeito, que ao mesmo tempo em que é corpo, matéria, um ser objetivo - a unidade física quantificada entre as centenas -, também é ser subjetivo - a unidade-consciência (Maheirie, 2002). Sociedade, a grosso modo, seria um grande coletivo de Eus. Associe esse argumento próprio com o de Maheirie,⁴ não apenas para tentar configurar o que se entende por individualidade e coletividade de forma sociológica, mas para configurar meu tom como artista-investigadora no primeiro segmento desta pesquisa.

Parto do princípio de negar a mim mesma como foco ímpar de estudo. Na verdade, pelo menos neste primeiro momento, não me vejo como objeto interessante de investigação completa. Reconheço que são de mim que partem as ideias; e os impulsos; e as vontades; me reconheço como Eu-indivíduo no espaço, mas não vejo nele motivação para explorar-se, e explorar-se unicamente. Me (des)entendo como Eu - ou um Eu entre muitos Eus -, como alguém que existe dentro e fora de si. Sei que para me (des)entender por dentro, preciso olhar para fora, em um intercâmbio contínuo entre esse mundo interno do indivíduo e o mundo externo da relação social (Gonçalves da Silva, 2009). Para me (des)encontrar com o Eu, preciso do(s) Outro(s); aquele(s) que pode(m) pensar como Eu ou não, pode(m) ser como Eu ou não.

⁴ Kátia Maheirie: doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Sim e não, similitude e diferença; essas são as bases primordiais para se entender sobre a intersecção entre o Eu e o Outro. Nos principais conceitos identitários (cultura, política, etnia, classe, gênero, sexualidade, etc.) ambas as bases aparecem como possível enfoque de estudo e investigação - valendo mencionar a diferença como objeto mais abordado, conseqüente a sua possibilidade de conotação negativa e discriminatória.

Todo indivíduo está em relação com diversas coletividades, por referência à quais se define sua identidade de classe no sentido lógico do termo - pertencer a uma fratria, a um segmento de linhagem, a uma faixa etária, a um clã, a uma aldeia, a uma nação, etc. Mas todo indivíduo singular se define também por suas relações simbólicas e instituídas ("normais") com um certo número de outros indivíduos, quer estes pertençam às mesmas coletividades que ele ou não. (Augé, 1999, pg.43-44)

Quando encontramos ou não intersecções dentro deste coletivo de Eus, isso caracteriza uma noção identitária de pertencimento. Ao olhar o Outro, o Eu enxerga onde ele está ou não está. Nicolas Bourriaud, ao abordar sobre a forma relacional⁵ e o olhar, conclui que "o indivíduo, quando acredita que se está olhando objetivamente, no final das contas está contemplando apenas o resultado de intermináveis transações com a subjetividade dos outros." (Bourriaud, 1998, pg.30).

Nos (des)encontros do olhar do Nós habitam as formas, os símbolos. Augé⁶ menciona as relações simbólicas entre os indivíduos singulares; Woodward afirma que a construção de uma identidade é tanto simbólica quanto social.⁷ Criou-se, junto da vontade de investigar o Outro, uma curiosidade de experimentar esses símbolos como ferramenta do estudo da identidade, e uma forma de intersecção entre os tantos Eus. Bastava escolher agora que símbolo iria se explorar.

⁵ Aqui entende-se "forma" como "símbolo", "objeto simbólico".

⁶ Marc Augé (1935-2023): etnólogo e antropólogo francês, conhecido principalmente por seu livro *Não-lugares* (1992).

⁷ WOODWARD, Kathryn. *Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2014, pg.10.

¹ estado de semelhança absoluta e completa entre dois elementos com as mesmas características principais;

² série de características próprias de uma pessoa ou coisa por meio das quais podemos distingui-las.

(Michaelis, 2023)

2 . OFERTA-SE NOMES

Catalogar Identidades

Todo indivíduo possui um nome. Toda criança ao nascer precisa ser registrada em cartório com um nome escolhido para ela, junto com o nome da mãe e do pai, para então receber uma certidão de nascimento - a qual ela vai precisar diversas vezes ao longo da vida. Esse ritual obrigatório por lei faz com que ela seja reconhecida como cidadão perante o Estado, e possa exercer seus direitos civis e sociais. Sem ele, para a sociedade, é como se aquela criança não existisse.

O nome seria, então, um dos primeiros símbolos de identidade que carregamos como membros de um espaço político e social. O sociólogo Norbert Elias descreve o nome-símbolo como uma resposta para a questão de identidade-eu do indivíduo, “Quem sou eu?”; ele diz:

Sobre esse nome, evidentemente, a pessoa pode dizer: “Hubert Humbert sou eu e mais ninguém.” Normalmente, ninguém mais tem esse nome. Mas esse tipo de nome, com seus dois componentes de prenome e sobrenome, indica a pessoa tanto como indivíduo singular quanto como membro de determinado grupo, sua família. E enquanto, de um lado, o nome dá a cada pessoa um símbolo de sua singularidade e uma resposta à pergunta sobre quem ela é a seus próprios olhos, ele também serve de cartão de visita. Indica quem se é aos olhos dos outros. (Elias, 1994, parte 3, capítulo 6, parágrafo 1)

Sendo um símbolo global de identidade, o nome do indivíduo se tornou um dos focos do fazer arte desta pesquisa. Porém, antes de entrar em maiores detalhes sobre a primeira proposição, quero contextualizar brevemente sobre o

que é um nome. Aqui, por “nome”, desenvolvo dentre suas categorias - prenome, sobrenome, alcunha, apodo, patronímico - apenas o prenome/nome próprio.

Se pensarmos além de seu caráter social, de forma bruta, um nome é uma palavra, seja ele simples ou composto de múltiplas palavras. Pelo estudo antroponímico,⁸ se considera que o nome próprio é uma palavra que “tem como função registrar atitudes e posturas sociais de um povo, suas crenças, profissões, região de origem, entre outros aspectos”.⁹ Historicamente, na Antiguidade um nome não exercia apenas um caráter designatório para o indivíduo, a escolha dele era motivada principalmente pela sua função semântica, podendo essa ser influenciada, por exemplo, por figuras históricas, políticas, religiosas, ou circunstâncias, lugar e tempo de nascimento, ou particularidades físicas e qualidade morais, ou profissões, etc (Carvalhinhos, 2007). Com o passar dos tempos, e o dinamismo linguístico, o nome próprio nas sociedades ocidentais¹⁰ foi se esvaziando do seu sentido, sobrevivendo pela estética e popularidade, como fantasmas do que um dia já significaram.

Oferta-se Nomes deriva dessas possibilidades semânticas do nome próprio, em que apresento uma banca de nomes,¹¹ onde utilizo a narrativa do Outro como motivação para escolher e ofertar um novo nome a ele. Por seguir essa função semântica, não queria que esse nome fosse escolhido de memória, ou pela sua sonoridade ou escrita, ou só que fosse “a cara da pessoa” - o que tomaria o caminho oposto do princípio semântico. Eu precisava de um instrumento de apoio para a ação, que me possibilitasse escolher esses nomes significativos de forma prática e assertiva, e foi dessa necessidade que criei um catálogo de nomes (figuras 3 e 4); uma coletânea de prenomes previamente determinados, para nomear narrativas ainda não determinadas.

⁸ Antroponímia: parte da onomástica (ciência dos nomes) dedicada ao estudo e à etimologia dos antropônimos, os nomes próprios de pessoas. (*Oxford Languages*, 2023)

⁹ CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. As origens dos nomes de pessoas. *Revista Eletrônica de Linguística*, Ano 1, nº1, 1º Semestre de 2007.

¹⁰ Carvalhinhos retrata que pelas sociedades não-ocidentais o nome próprio de pessoas ainda é motivado, sendo este também o caso em várias sociedades indígenas brasileiras.

¹¹ Os conceitos operacionais e construção dessa banca serão abordados no próximo subtítulo.

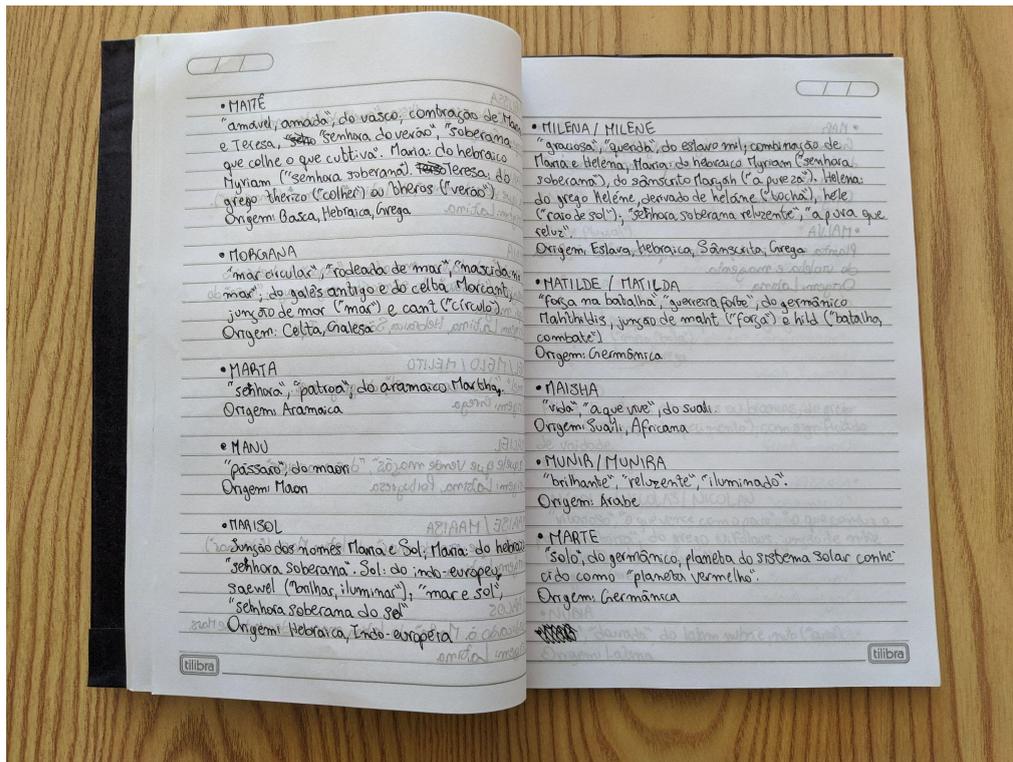
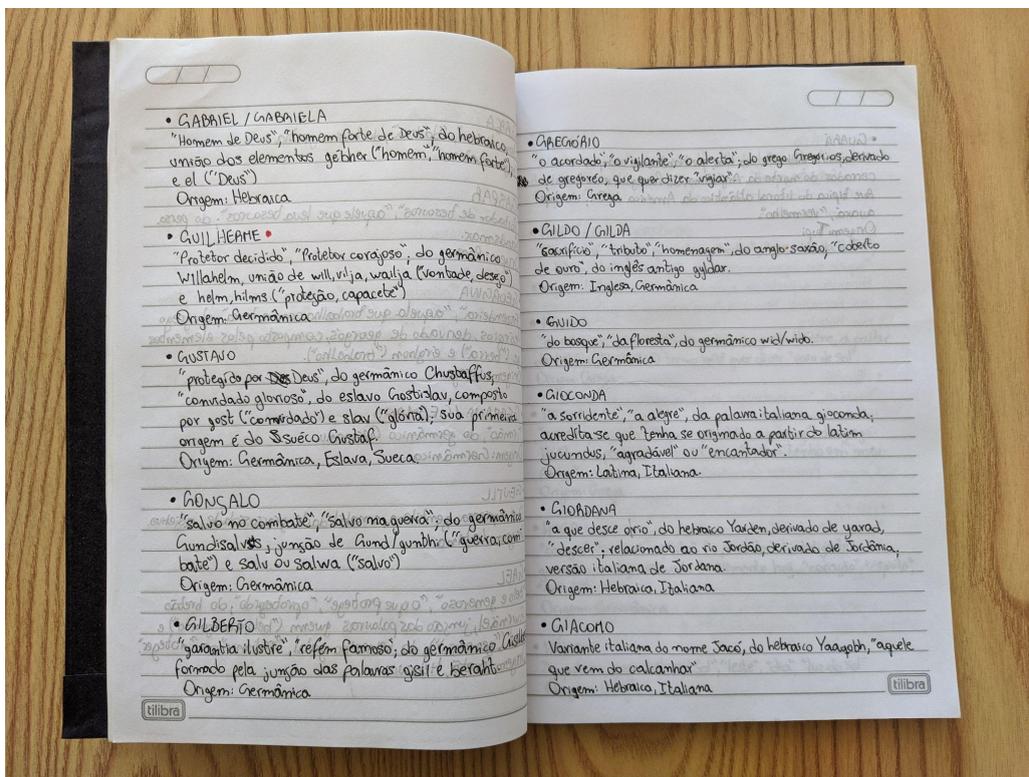


Figura 3 e 4: O catálogo de nomes, 2023. Foto: Arquivo da artista.



Para a construção deste catálogo, eu precisava definir alguns parâmetros iniciais, em uma tentativa de não me prender em mais dúvidas além da principal de “mas que nomes que eu vou colocar?”. Já se tinha determinado o parâmetro do significado, então foi partindo dele que foram se formando os seguintes critérios:

- + *Contexto*: Observar a gama de opções de nomes que poderiam ser utilizados, e principalmente de variações linguísticas, gerava muita incerteza de por onde começar. Penso então, “Se vou trabalhar com pessoas do Brasil, preciso pensar nos nomes que residem nele”. O Brasil possui uma extensa pluralidade cultural; além das diferentes descendências do cidadão brasileiro, também habitam aqui múltiplos povos imigrantes e refugiados. Partindo desse preceito, o site “Dicionário de Nomes Próprios” foi utilizado para pesquisar especificamente por nomes que possuíam as mesmas origens que esses povos habitantes.¹²
- + *Escrita manual*: Apesar de ser conveniente criar um conteúdo digitalizado - apenas “copiando e colando” as informações encontradas - decidi que escrever o catálogo manualmente me faria mais próxima do conteúdo, dedicando um tempo extra para entender cada nome. Essa decisão me possibilitou investigar novas características e simbolismos em nomes cotidianos. Por exemplo: os nomes que, no contexto cultural popular brasileiro, não são considerados atraentes, eram os que tinham os significados mais profundos e complexos, pela sua construção etimológica; enquanto nomes muito populares, e considerados “bonitos”, possuíam significados bem menos interessantes.
- + *Diversidade*: Assim como a pluralidade cultural, a diversidade de gênero foi muito importante para as escolhas; nomes considerados femininos, masculinos e neutros - dou ênfase aos neutros, pois em um país com uma linguagem nacional que determina gênero para todas as coisas, pesquisar

¹² Os povos utilizados na pesquisa foram: Africano, Alemão, Árabe (Egípcio, Palestino, Sírio, Turco), Espanhol, Haitiano, Holandês, Indígena Brasileiro, Italiano, Japonês, Português, Venezuelano.

nomes que poderiam ser considerados neutros dentro desse contexto geocultural mostrou-se uma tarefa complexa.

- + *Substantivos e Adjetivos*: Utilizar apenas as palavras consideradas propriamente como prenomes não parecia ser suficiente. Os nomes não usuais, baseados em formas concretas e palavras adjetivas, sempre foram um tipo que apelava para meu gosto pessoal; explorar a ideia do nome como uma palavra não própria, e de que qualquer palavra da escolha de um indivíduo poderia se tornar um nome.

- + *Proximidade*: Este critério partiu de uma curiosidade cotidiana. Comecei a listar os nomes de amigos, família, colegas, bichos de estimação; nomes de lugares em placas e banners pelos meus espaços de convívio e circulação; a partir dessa lista comecei a investigar que significados acharia para aqueles nomes, como se encontrar esses nomes conhecidos me desse um falso aprofundamento afetivo com aquelas pessoas e lugares.

- + *Desconexão*: Assim como os últimos dois critérios abordam o gosto da artista, este aborda a negação. Mesmo que o nome encontrado se aplicasse nos padrões determinados, se o significado dele fosse considerado por mim como vazio - sem profundidade, frívolo -, ele não seria colocado no catálogo. Isso partiu da ideia de que se não conseguia me visualizar aplicando aquele significado a alguém, não teria porquê aquele nome estar presente como material de apoio.

Simultâneo à construção da ferramenta do catálogo, ainda era preciso resolver as questões do planejamento das ações processuais dessa banca de nomes. No subtítulo seguinte, trago as respostas para esse planejamento, respondendo as dúvidas do “Onde?”, “Quando?” e “Como?”.

O ato de nomear

Com a poética pronta, agora, eu só precisava de uma banca, e de um lugar para colocá-la. Escolhendo o formato de uma banca, ao invés de, por exemplo, abordar as pessoas pela rua com meu catálogo em mãos, opto por um lugar fixo de interação, em que me apresento aos Outros sem a necessidade de procurá-los diretamente; além de criar um espaço de conforto, o qual eles podem ocupar por quanto tempo quiserem ou precisarem.

Se quero trabalhar com o Outro, preciso estar onde o Outro está. Como artista que “cria em movimento”, o espaço público aberto¹³ é o mais convidativo para me encontrar com o Outro, onde se geram maiores oportunidades de conexão com o Outro desconhecido, além de ser exatamente o espaço que precisava para posicionar meu empreendimento-não-monetizável. Após avaliar algumas possíveis opções de espaço na cidade de Porto Alegre, optei por realizar as primeiras experiências de *Oferta-se Nomes* no Parque Farroupilha (popularmente conhecido como Redenção).

Por ser um parque extenso, localizado na zona central da cidade - um ponto relativamente bem localizado -, é possível se encontrar indivíduos em uma diversidade de classes, idades, grupos, etnias - sejam eles residentes locais ou turistas. Sendo frequentadora ocasional desse espaço, já sabia que os fins de semana seriam os dias mais propícios para se abrir a banca, por serem os dias em que a Redenção é mais frequentada. Ficou decidido, então, que meus dias de trabalho no Parque seriam aos domingos - principalmente aos domingos de sol.¹⁴

Quanto à parte física da banca, uma mesa e duas cadeiras foram suficientes. Simples, sem grandes exageros; exceto pelo cartaz na lateral em letras vermelhas garrafais “OFERTA-SE NOMES”, com um anúncio extra logo acima, “GRÁTIS” (figura 5). Ainda assim, configuro a banca como ‘simples’, por

¹³ Entende-se por “espaço público aberto” as áreas de circulação e convivência ao ar livre de acesso universal, como as ruas, as praças, e afins.

¹⁴ Visitar o Brique da Redenção aos sábados, e passar uma tarde de domingo tomando sol no Parque, são atividades que comumente se interseccionam entre diferentes indivíduos e comunidades porto-alegrenses.

essas escolhas não terem sido estéticas, mas estratégicas. A placa maior, como as placas de comércio ('Vende-se', 'Aluga-se'), tem o propósito de atrair o cliente transeunte, instigá-lo a se aproximar pela sua própria vontade e curiosidade. A placa menor - que parece opor toda a tentativa de negócio da placa maior - atuava tanto como uma forma de mostrar aos comerciantes daquele espaço que eu não estava ali para vender coisas de forma clandestina, quanto para tentar chamar ainda mais a atenção de possíveis participantes para a ação.¹⁵

Ao procurar por referenciais na arte acional para meu novo negócio, vejo similitudes com a *Banca dos Problemas* (figuras 6 e 7), um serviço que faz parte da ação *Triture Aqui Tus Problemas* (2013), de Jéssica Becker. Além da ação da artista também fazer uso de uma banca como espaço de trabalho, Becker se insere no contexto público de forma semelhante, aproveitando ele não apenas como lugar de passagens e encontros, mas de trocas e diálogos, enquanto oferta ao Outro uma forma de triturar seus próprios problemas.

No decorrer deste capítulo, já me referi à *Oferta-se Nomes* algumas vezes como um "negócio" ou "empreendimento". Como a placa de 'GRÁTIS' sugere, não procuro por um retorno monetário; mas, pelo pressuposto de que uma 'oferta' requer que uma coisa seja dada em troca de outra, começo a pensar nas trocas com o Outro como uma troca comercial-não-comercial, uma quebra no cotidiano capitalista: em um espaço de trocas não-capitalizáveis (Bourriaud, 2009), você me paga com a sua narrativa, e por ela eu lhe entrego um nome.

¹⁵ Penso naquele ditado popular: "de graça até injeção na testa".



Figura 5: MARIANA SCHANTZ - "Oferta-se Nomes", 2023. Foto: Laura Fagundes



Figura 6 e 7: JÉSSICA BECKER - “Banca dos Problemas”, 2013. Foto:
www.tritureaquisusproblemas.blogspot.com



Uma vez que a banca chama a atenção de um passante, e ele decide se tornar um participante, se inicia o processo da troca: Faço a ele dois pedidos, exatamente como aqui descritos: 1. Que me conte o que ele acha que eu devo saber sobre ele; 2. Como é a relação dele com nomes, no geral.¹⁶ Após receber sua parte da transação, uso o catálogo de nomes para entregar a minha. Quando finalmente encontro o nome ideal, entrego-o escrito ao meu cliente em um cartão para que leve consigo (que se assemelha a aqueles crachás adesivos, com um espaço em branco a ser preenchido), junto da justificativa de porque aquele nome foi o escolhido.

A narrativa do Outro

Cada ser humano é convidado a construir uma narrativa singular do presente, e apenas por existir transcreve uma história, uma vida, e assim passa a fazer parte de seu tempo, um tempo que não volta, mas que com certeza fica marcado na história, seja na nossa contemporaneidade ou quem sabe haverá uma próxima, já isso cabe ao futuro decidir. (Seidel, 2016,n.p.)

A ação da banca, para fim de investigação desta pesquisa, foi realizada nos dias 19 de março (figura 8) e 4 de junho de 2023 (figuras 9 e 10). Em ambos os dias a constituição da banca é a mesma, com exceção de um elemento. Após a primeira experiência do dia 19, pensei que seria interessante gravar as falas dos participantes como material de escrita documental - a fim de refazer meus passos sobre cada escolha feita -, e utilizei um microfone para os registros. Essa mudança refletiu de forma gritante na atitude que as pessoas tinham com a banca. Não mais elas ficavam apenas intrigadas com a placa na lateral da mesa, o microfone atraía muito mais olhares. Talvez o objeto caracterizava um ar mais profissional para a mesa? Como se estivesse acontecendo uma entrevista jornalística, ou a gravação de um episódio de um podcast. Outro comportamento interessante, foi de a presença de um participante resultar em ainda mais participantes. A cadeira na minha frente ou ficava vazia por um longo período, ou parecia não ficar vazia nunca, como em um efeito dominó. Ver a banca ocupada

¹⁶ O caráter aberto dessas frases é proposital. Assim como a escolha de não abordar as pessoas de forma direta no espaço para que se tornem participantes da banca, não desejo influenciar a fala do participante; quero que ele escolha o que acha importante de contar sobre si mesmo. O mesmo vale para o que ele interpreta por “relação com nomes no geral”.

em ação convidava muito mais o público do que a oportunidade do espaço vazio a ser preenchido.¹⁷

Junto aos momentos de atração do Outro, também houveram os momentos de estranhamento. O mais recorrente, já esperado por não ser um objeto tátil, foi pelo o que a banca ofertava. “Como assim, ‘oferta-se nomes’?”. E após explicar a proposta da banca, ainda haviam mais momentos de confusão. Me recordo de duas situações - comicamente acontecendo uma imediatamente após a outra - em que a pessoa, após ouvir a explicação do que estava propondo, perguntava “E eu faço o que com esse nome depois?”.¹⁸ No estranhamento do Outro sobre um produto não usual, encontro similitudes com a obra *Farmácia Fischer & Cia* (figuras 11 e 12) de Hervé Fischer, em que, vestido de farmacêutico em uma barraquinha - também presente em uma praça - ofertava pílulas que prometiam “curar todos os males”. Sobre seu trabalho, o artista fala “(...) O povo brasileiro, povo mesmo, não gente de galeria está sempre interessado em se comunicar, em fazer a caricatura da vida. Eu sei que meu trabalho permite essa caricatura” (Fischer apud Freire, 1999, pg.132).

No capítulo 1, apresentei o conceito de Flávia Gonçalves da Silva de que a subjetividade do indivíduo se constitui no intercâmbio entre o mundo interno - o Eu - e o mundo externo - o(s) Outro(s). Se naquele momento me (des)entendia como Eu, este é o momento em que (des)entendo os Outros - ou que eles mesmo se (des)entendem.¹⁹ Ao pedir para um participante da banca me contar sobre “o que ele acha que eu deveria saber sobre ele”, eu crio um momento de (possível) conexão e reflexão; uma saída da bolha monólogo, e passagem para um espaço momentâneo de diálogo, em que peço a ele para externalizar seu mundo íntimo subjetivo.²⁰

¹⁷ Me lembro de, nos momentos em que isso acontecia, pensar na noção popular de que “o brasileiro não pode ver uma fila que já quer entrar nela”.

¹⁸ Essa atitude me recorda a fala de Seidel sobre a busca de bens de consumo da sociedade, citada anteriormente no primeiro capítulo.

¹⁹ Aprofundo esta ideia mais objetivamente no capítulo 4 desta pesquisa.

²⁰ Se não acontecesse a ação do retorno dessa externalização em forma de um nome, conseguiria relacionar essa vontade de ouvir sobre o mundo interno do Outro como quase um desejo voyeurístico passivo. Talvez, por também fazer parte desse diálogo, seja um desejo voyeurístico ativo?



Figura 8: MARIANA SCHANTZ - “Oferta-se Nomes”, 2023. Foto: Laura Fagundes



Figuras 9 e 10: MARIANA SCHANTZ - "Oferta-se Nomes", 2023. Foto: Julia Garcia





Figura 11 e 12: HERVÉ FISCHER - “Farmácia Fischer & Cia”, 1975. Foto: Reprodução



Em “Modernidade Líquida” de Zygmunt Bauman, há um momento do capítulo 3 que o autor subtitula como “Não fale com estranhos”. Faço essa citação pela reflexão de uma frase comum da infância de tantos²¹ - que, ironicamente, se opõe completamente ao conceito da minha ação -, e sobre sua explicitação da realidade fria das relações sociais. Bauman então explicita:

Esforços para manter à distância o "outro", o diferente, o estranho e o estrangeiro, e a decisão de evitar a necessidade de comunicação, negociação e compromisso mútuo, não são a única resposta concebível à incerteza existencial enraizada na nova fragilidade ou fluidez dos lados sociais. Essa decisão certamente se adapta à nossa preocupação contemporânea obsessiva com poluição e purificação, à nossa tendência de identificar o perigo para a segurança corporal com a invasão de "corpos estranhos" e de identificar a segurança não-ameaçada com a pureza. (Bauman, 2000, pg.126)

Nesse momento de rejeitar a distância para com o Outro, encontro semelhanças com a ação *Disintegration* (figuras 13 e 14) de Marilyn Arsem, em que ao falar sobre a desintegração em suas vidas, a artista e o participante partilham de um momento, considerado tão privado e íntimo, de forma tão aberta, em um espaço público onde qualquer passante pode ouvir pedaços do que eles compartilham ali.

Enquanto escutava as narrativas que os Outros me apresentavam, começaram a surgir questões do meu Eu como artista-nomeadora. As duas mais importantes foram: a) o que eu usaria como motivação dessas falas para fazer essa decisão; b) a preocupação de não ofender o participante com o nome que eu escolhesse,²² fosse por um (des)gosto pessoal dele, ou pela semântica optada. Apesar de cada um dos nomes do catálogo carregarem um significado específico, não tento com eles unificar a identidade de um indivíduo que é por natureza fragmentado,²³ mas sim apresentar um símbolo de afirmação desse momento das trocas. Eu vejo o Outro, eu reconheço o Outro. Eu interpreto sua externalização do mundo íntimo, e tento devolver a certeza de que, de alguma forma, ele foi ouvido, foi visto.

²¹ Aproveito esta referência, e este espaço, para (não) pedir desculpas aos adultos que me criaram, e que durante minha infância constantemente me disseram que eu não deveria falar com estranhos; se eu tivesse seguido à risca o pedido deles, este projeto não seria possível.

²² Anuncio que, apesar de me esforçar muito para que não acontecesse, acredito firmemente que essa preocupação se tornou uma situação real. Convido ao leitor a, no capítulo seguinte, descobrir a qual dos nomes documentados estou me referindo.

²³ Este conceito será aprofundado mais objetivamente na segunda parte da pesquisa.



Figura 13 e 14: MARILYN ARSEM - "Disintegration", 2015. Foto: www.marilynarsem.net



3 . TA·XO·NO·MI·A

¹ ciência ou estado dos princípios gerais da classificação científica;

² área da biologia responsável por identificar, nomear e classificar os seres vivos.

(Michaelis, 2023)

O·LA·VO

¹ “legado dos ancestrais”, “legado dos antepassados”;

² do germânico *Olaf*, adaptação do nome nórdico antigo *Aleifr*, junção dos elementos *ano* (“ancestral”) e *leifr* (“herança, legado”).

Origem: Germânica, Nórdica.

“ (...) Sei lá, eu gosto bastante dos nomes, assim. Acho que fica parte dessa memória, assim... Sou a pessoa que se fosse, tipo, nomear um filho assim gostaria, tipo, de nomear em homenagem à uma pessoa importante, tipo uma grande cientista, alguma pessoa que eu olho assim e penso “Meu deus, essa pessoa é muito incrível”.

Eu acho que é isso assim, tipo, é muito que o nome é muito a ideia de como é que tu vai levar essa imagem pro mundo, e como é que tu vai, tipo, o que vai te representar assim.

Eu acho que é isso. ”

GUI·LHER·ME

¹ “protetor decidido”, “protetor corajoso”;

² do germânico *Willahelm*, união de *will*, *vilja*, *wailja* (“vontade, desejo”) e *helm*, *hilms* (“proteção, capacete”).

Origem: Germânica.

“ Tá, eu vou te contar a história do meu nome.

O meu nome é []. Falando, o meu nome é um nome fácil, comum. Mas escrevendo ele é diferente porque eu nasci em Jacutinga, quem deu o meu nome foi minha mãe, mas quem escreveu meu nome foi um polonês, e ele escreveu meu nome errado. (...) Se tu botar no Google, no YouTube, no Facebook, só existe eu.

Essa é a minha história, curtinha. ”

“ E a tua relação com nomes no geral...? ”

“ É bem tranquilo. Eu sou professor, e pego “N” nomes, então em relação ‘em nomes’ é tranquilo. Mas, por ser militar, eu prefiro sempre ser chamado pelo meu nome, não gosto de apelido. Nome de batismo. ”

AL·MA·RA

¹ “pessoa que se destaca na multidão”.

Origem: Latina.

“ (...) Eu não gosto muito de nome corriqueiro. Maria, Vera, eu acho muito corriqueiro, todo mundo tem. Pra todo lado tu vê tem, né? É raro, de cinco tem que ter, sempre tem uma que tem esse nome, Vera ou Maria. ”

DI·A·RA

¹ origem e significados incertos;

² provavelmente tem origem do suaíli, “dom do silêncio”, “aquela que tem o dom do silêncio”, ou “dom”.

Origem: Africana.

“ (...) Eu gosto de coisas agradáveis, e que tem um... uma... um monte de tranquilidade, tipo dias chuvosos. Eu sou um pouco melancólica. Eu gosto de

florestas chuvosas, e do barulho do mar no final do dia. Eu gosto de pêssego, e de... de cores calmas, mais clarinhas.(...)

(...) Eu gosto de ir pro campo. Eu gosto da praia, mas não do calor da praia; eu gosto do final da tarde, do início da manhã. Eu gosto da noite, e de poder ficar com uma pessoa sem precisar conversar com ela o tempo inteiro, sabe? Eu me sinto confortável com alguém quando eu sei que eu posso só... ficar ali com ela.

(...) ”

JE·RÔ·NI·MO

¹ “nome sagrado”;

² do grego *Hierónymus*, composto pelos elementos *hiéros* (“sagrado”) e *onyma*, *onoma* (“nome”).

Origem: Grega.

“ (...) Trabalhei em vários lugares diferentes. Eu tenho uma empresa chamada “Plural”. Chama “Plural” por causa do Umberto Eco. Sabe quem é Umberto Eco?”

“ Aham. ”

“ Pois é, Umberto Eco escreveu o livro chamado “Obra Aberta”. (...) E esse livro “Obra Aberta”, ele tinha uma tese de que uma obra de arte é tão mais aberta quanto mais leituras ela permite, que ele chamava uma pluralidade de significados num significante. (...) E aí eu botei o nome da empresa de “Plural”. Porque eu também era meio plural, porque eu era arquiteto, eu trabalhava em comunicação, eu desenhava, um monte de coisas, então a gente vai botar “Plural” mesmo. E foi “Plural”. (...)

(...) Antes da “Plural” tem a “Verbo”, nós primeiro fizemos uma empresa chamada “Verbo” (...) “No princípio era o verbo”, essa frase bíblica, né? Essa frase é do Gênesis, o primeiro capítulo da Bíblia. Acho que é a primeira frase da Bíblia, “No princípio era o verbo”. O verbo era o Cosmos. Era Deus. Alguma coisa que antecedia tudo, era o princípio. (...)

(...) Bom, eu já criei marcas, muitas vezes. Então é uma relação que tem muito de racionalidade, né? De tentar entender o DNA de uma empresa, uma organização; formular um conceito, e criar uma marca pra aquela empresa.

Eu faço a mais antiga pesquisa de lembrança de marca do Brasil. Tem 33 anos. O segundo foi a Folha de São Paulo que fez; eu fiz no Rio Grande do Sul e eles fizeram no Brasil. Nós no primeiro semestre de 91, e no segundo semestre, então fiz antes deles. Então, a questão da marca é um negócio que eu me envolvo muito todo tempo, então, relação com nome, tem que ver isso né? De pesquisar marca que são nomes. (...) ”

JOR·DA·NA

¹ “aquela que flui”, do hebraico Yarden;

² relacionado ao rio Jordão.

Origem: Hebraica.

“ (...) Quando eu me remeto a mim eu fico pensando no que que eu gosto de verdade, sabe? Porque eu vejo pessoas sendo fãs de bandas e coisas, muito assim “Uhh meu deus!”, e eu não sou assim com nada. E daí eu fico me sentindo meio vazia, e levo pra terapia isso. Só que, tipo, por que que nada me atrai pra eu achar que é “meu deus”, sabe, uma divindade? Não sei, sabe? Só que eu fico me questionando o que que eu gosto, e eu... eu... não sei, tive respostas bem específicas e aleatórias, tipo: eu adoro parque aquático. [risos] Sabe? Tipo, eu não adoro uma banda, mas eu adoro parque aquático. (...) ”

(...) Não sei, parece que pra mim nada tem valor nesse sentido, sabe? O que eu gosto é mais de me conhecer internamente, e eu acho também que meus gostos são fluídos, e que eu posso gostar muito de uma banda agora mas ela não se encaixar mais comigo mais pra frente, sabe? Então eu não consigo tomar pra mim algo como absurdamente “Ah isso é eu” porque não é, daqui a pouco não vai ser mais. (...) ”

FRAN·CIS·CO

¹ “livre”, do germânico *Frank*;

² que é leal, sincero.

Origem: Germânica.

“ Eu tenho 26 anos. Eu não tenho faculdade, eu só tenho ensino médio. E eu sou autônomo, sou ilustrador, desenhista. E... eu moro sozinho, só eu e meus dois gatos, Mimi e Mumu; são os amores da minha vida. (...) ”

LÚ·CI·A

¹ “a luminosa”, “a brilhante”, “a esclarecedora”;

² do latim *Lucius*, cuja raiz é *lyke, luc, luk*, que deram origem à palavra *lux* (“luz”).

Origem: Latina.

“ Eu não sei se eu tenho uma opinião exata sobre nomes, mas, o que eu acho que tu deveria saber sobre a minha pessoa: eu sou muito comunicativa; eu sou muito curiosa, a curiosidade me mata, assim, às vezes; eu sou muito ansiosa, muito; mas eu sou muito animada e tipo, me divirto muito, assim.

Eu sou um pouco uma criança, acho que isso tu deveria saber sobre mim. Eu me sinto uma criança, assim, mentalmente eu sou uma- eu to sempre brincando, eu gosto de brincar e inventar as coisas, e eu falo “[suspiro] Gente, como assim, sabe? Essa árvore tem uma flor nela” e as pessoas falam “Ai claro que tem”, “Não mas vocês não tão entendendo, tu não entende como é louco?”.

Eu fico, tipo, explorando as coisas como uma criança. (...) ”

NÁ·DI·A

¹ “mensageira”, “aquela que anuncia”;

² do árabe *Naadiya*.

Origem: Árabe.

“ Eu sou peruana, tenho 26 anos. Chego no Porto Alegre há... 10 meses. Agora estou trabalhando em Carrefour. Eu sou comunicadora, mas não consigo trabalho de minha carreira aqui. Então tô fazendo todo lo possible por conseguir trabalho. (...)”

KA·RO·LI·NA

¹ “força doce”;

² do germânico *Karl* (“forte”) e *lind* (“doce”).

Origem: Germânica.

“ Eu fui adotada com seis anos. Eu troquei de escola... três vezes? Três vezes. E... que mais?(...) (...) Eu gosto de sushi, eu gosto... eu gosto de sushi, passear, comer pizza...”

[cachorro latindo ao fundo]

“ Eu gosto de cachorro, só que eu tenho muito medo de cachorro. E daí como lá, acho que em outubro, a gente vai fazer um troço da multifeira. Daí eles vão tá doando cachorros, mas a minha mãe nem quer pensar porque eu tenho medo. Mas eu gosto. ”

E·LÍ·GI·O

¹ “eleger”, “escolher”, “o escolhido”, “o eleito”;

² do latim *eligere*.

Origem: Latina.

“ Meus pronomes são ele/dele, eu sou uma pessoa agênero. É... O meu nome foi eu que escolhi, faz pouco mais de um ano. E ontem foi a primeira vez que alguém fez uma piada com o meu nome. E é muito engraçado, porque, tipo, como... Foi

interessante ver isso porque como eu criei esse nome depois de adulto, eu não tinha piadas, tipo, sobre o meu nome, sabe? (...)

(...) Eu acho muito legal as pessoas escolherem o próprio nome. Eu tenho uma coisa que, tipo, tem vezes que, tipo assim, como fui eu que escolhi meu nome, quando as pessoas perguntam, tipo, “Ai de onde veio esse nome?”, aí eu tenho duas respostas: Se eu me sinto confortável eu digo, tipo, “Fui eu que escolhi”, e acabou. E se eu não me sinto confortável e eu não quero mais falar sobre isso, eu tenho uma resposta que é muito certa, e as pessoas só aceitam ela como uma verdade, mas ela não é uma verdade.

Eu só digo “É nome de pássaro e peixe”. E as pessoas só aceitam, tipo, cabô assim. ”

“ É o suficiente pra encerrar o assunto. ”

[risos]

“ Sim. Elas ficam “Ai... que legal...” e deu. ”

[risos]

BEN·JA·MIN

¹ “filho da felicidade”, “o bem amado”;

² do hebraico *Ben-iamin*, *Bin-yamín*.

Origem: Hebraica.

“ Uma coisa que eu acho engraçada sobre o meu nome é que meus pais não sabiam qual nome me dar, assim. E, enfim, foi muito tempo assim, ah, meu pai queria me dar o nome de Cícero... ahm... Minha mãe não lembro, mas meu pai gostava dos nomes compostos também, tipo João Pedro, algo assim.

E aí um dia meu pai assinava uma revista que tinha uma sessão de piadas, e aí ele leu o nome [] numa piada. E aí eles disseram “É []”, entendeu?

E aí eu acho muito engraçado o fato do meu nome ter vindo de uma piada, assim.

E... Eu acho que isso é uma coisa sobre mim, assim, eu gosto muito de piadas e histórias divertidas, e eu gosto muito de ver... Tipo, eu acho que, eu muitas vezes

vejo várias coisas como piadas, mesmo elas não necessariamente sendo piadas, e as vezes eu sou mal interpretado por, tipo, rir em momentos em que parece que eu to achando graça, mas é... Não é bem como se fosse uma piada, ah “Uau nossa que ridículo isso que a pessoa tá fazendo”, mas é tipo: isso me diverte, me deixa feliz, então eu dou risada, assim.

Então é isso, acho que é uma coisa importante sobre mim, que eu gosto muito de piadas. ”

4 . LAÇOS E NÓS

Son·der

n. a percepção de que cada transeunte aleatório está vivendo uma vida tão vívida e complexa quanto a sua - povoada com suas próprias ambições, amigos, rotinas, preocupações e loucura herdada - uma história épica que continua invisível ao seu redor como um formigueiro se espalhando no subsolo, com elaboradas passagens para milhares de outras vidas que você nunca saberá que existiram, nas quais você pode aparecer apenas uma vez, como um café extra ao fundo, como um borrão de tráfego passando na rodovia, como uma janela iluminada ao entardecer.

(*THE DICTIONARY OF OBSCURE SORROWS*, 2012)

Oferta-se Nomes nasceu da curiosidade investigativa sobre os símbolos de identidade e os modos de ser dos indivíduos, sobre querer trabalhar com algo que não vem de dentro de mim, mas de dentro dos outros Eus. Ao ouvir os registros das trocas, analisar e pensar nelas novamente, percebo que a banca se tornou algo além do que fora previamente planejado, e, neste momento pós-ação, consigo me aproximar de certas conclusões.

A primeira, de que eu não era o único investigador ali presente. O espaço da banca criou uma situação que possibilitou não apenas a comunicação entre artista e partícipe, mas entre o partícipe e si mesmo. Ao questionar o participante sobre o que ele achava que eu deveria saber sobre ele, se abriu uma oportunidade de auto reflexão do indivíduo: “Mas o que eu acho que é importante sobre mim?”. Foi curioso observar como existia certa dificuldade em pontuar e reconhecer aspectos sobre si, e como aquele instante poderia se transformar em uma descoberta não só para o artista-nomeador, mas também para o nomeado. Claro, isso não se tornou regra para todos os casos; em contraste aos participantes que precisavam se explorar com mais calma, haviam aqueles que sabiam exatamente o que responder para minhas questões, fosse por narrativas longas e detalhadas, ou curtas e incisivas. Essas diferenças, tanto do conteúdo das narrativas, quanto a forma em que elas me foram apresentadas, refletiram diretamente na hora de decidir o que se tornaria critério de escolha do nome a ser ofertado ao Outro.²⁴

²⁴ Lembro de momentos em que as informações eram tantas que podiam ser escolhidas a dedo, e outras em que precisava me virar com um punhado de palavras. Independente da quantidade ou

A segunda, a reflexão sobre o Eu-indivíduo do próprio artista. Além da oportunidade dada ao participante de se auto refletir, ouvir o que eles tinham a me contar trazia momentos de possibilidade de pensar sobre mim mesma. Fosse na observação dos trejeitos do indivíduo, suas semelhanças e empatias entre mim e/ou outros indivíduos, ou até mesmo suas peculiaridades que diferiam tanto da minha realidade cotidiana, sempre parecia ter alguma coisa naqueles monólogos de mundos internos estrangeiros que tocava em algo do meu próprio mundo interior. Como dito anteriormente, eu já me (des)entendia como um alguém que existe dentro e fora de si; o que não esperava é como a negação de explorar-se voltaria contra mim, e como olhar a profundidade do Outro frente a frente afetaria - muito mais do que imaginado - minha percepção sobre mim mesma; o que me recorda da afirmação de Maíra Brum Rieck:

Ao contrário dos animais, o homem tem muito pouca memória genética. Quando nascem as formigas, elas já sabem qual a sua função no mundo, sabem que devem trazer comida para o formigueiro para sobreviver ao inverno. Está em seus genes. A memória genética do homem está na linguagem (Jerusalinsky, 2009) - não está dentro do sujeito, mas fora. É no compartilhamento da linguagem que poderemos buscar aquilo que nos falta e aquilo que somos. (Rieck, 2011, pg.29)

A terceira conclusão, a percepção do Nós. Reconhecer alguém fisicamente enquanto pessoa, um corpo humano, semelhante ao meu e ao seu, é uma ação cerebral inconsciente. Reconhecer este corpo enquanto um alguém que pode viver uma existência tão significativa quanto a minha ou a sua, instaura a sensação do que se entende por Nós, o grande coletivo de Eus significativos e fragmentados, que, para muitos, se passa despercebido, ou ignorado. Norbert Elias denuncia essa falha social quando fala que “é característico da estrutura das sociedades mais desenvolvidas de nossa época que as diferenças entre as pessoas, sua identidade-eu, sejam mais altamente valorizadas do que aquilo que elas têm em comum, sua identidade-nós” (Elias, 1994, parte 3, capítulo 1, parágrafo 4).

Encontro semelhanças entre o espaço da carrocinha de Ana Flávia Baldisserotto, chamada *Armazém de Histórias Ambulantes* (figuras 15 e 16) - uma

aproximação das respostas, eu precisava encontrar um critério chave em todas as narrativas. Felizmente, nenhum participante foi embora sem receber seu novo nome.

ação sobre as histórias contadas pelo Outro -, e minha banca de nomes: espaços de oportunidade, em que tanto o partícipe quanto o artista podem falar/pensar/sentir suas próprias histórias. *Sonder*, uma palavra inventada²⁵ para uma emoção que não se consegue expressar utilizando apenas aquelas disponíveis em dicionários e enciclopédias comuns; a expressão idiomática²⁶ de uma percepção da realidade humana sobre como existo na volta de narrativas tão complexas e multifacetadas quanto a minha. Essa percepção, enquanto indivíduo artista, e enquanto indivíduo social, vem acompanhada de um sentimento de conforto, de não estar preso a uma existência solitária; o Eu não está sozinho, pois Nós existimos.

²⁵ Assim como todas as outras palavras; e todas as línguas; e todas as letras; e todos os nomes.

²⁶ De acordo com a linguística, entende-se por “idiomática” todas aquelas expressões que não podem ser traduzidas de uma língua para outra. (Expressões idiomáticas. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/portugues/expressoes-idiomaticas.htm>> Acesso em: 11/08/2023).



Figura 15 e 16: ANA FLÁVIA BALDISSEROTTO - "Armazém de Histórias Ambulantes", 2007.

Foto: Sul21



E quem eu penso que sou?

É por não sabermos mais desse Outro que nos habita que passamos a nos defrontar com um enigma, já que não sabemos mais de onde viemos ou para que viemos ao mundo. É nesse sentido que passamos a não saber mais o nome do que somos e o nome próprio se torna uma busca. Sem história e sem origens, passamos a buscar a matéria de que somos feitos, o nome do que somos. (Rieck, 2011, pg.29)

Nomes são símbolos marcantes de identidade. O conceito de um espaço em que uma pessoa pode receber um nome baseado em informações sobre si compartilhadas intencionalmente, parece expressar uma forma mais profunda do nomear do que receber um nome escolhido pelos seus pais, antes mesmo de você ter nascido. Mas quem seria eu para dar um nome a alguém?²⁷

Com a ação *Oferta-se Nomes*, não tento remediar o que nossos pais fizeram, e o que outros futuros pais ainda farão. Reconheço, inclusive, que talvez a oportunidade mais próxima de tentar corrigir isto, seja pelo ato de o próprio indivíduo escolher um novo nome para si. Ao oferecer um nome com a banca, ofereço um lugar de cruzamento momentâneo, porém não vazio, em que dois estranhos - ou não - podem considerar sobre suas vidas singulares, assim como considerar os laços que as interligam. O nome se torna, então, evidência concreta dessas trocas, que o Outro vai levar consigo ao deixar a banca para trás, que ele pode decidir usar, descartar, ou até mesmo esquecer. Sobre esse momento de encontro entre estranhos, Bauman defende:

O encontro de estranhos é um evento sem passado. Frequentemente, é também um evento sem futuro (o esperado é não tenha futuro), uma história para "não ser continuada", uma oportunidade única a ser consumada enquanto dure e no ato, sem adiamento e sem deixar questões inacabadas para outra ocasião. (Bauman, 2001, pg.11)

Considerando pelo o que ela é, esse espaço de trocas momentâneas, ao pensar na apresentação desta obra, concluo que sua possibilidade expositiva se dá pela repetição e continuidade da ação. O âmago da obra se desmaterializa da mesa, das cadeiras, do microfone, e do catálogo. Colocar esses objetos inanimados em um espaço, intocados, sem a intervenção dos indivíduos, é como

²⁷ É engraçado pensar que deixei para me questionar sobre isso nesta altura da pesquisa.

apresentar o fantasma documental do que ela já foi, ou poderia vir a ser. O mesmo vale para os registros das narrativas; eles são produto de um conceito maior, um vestígio do passado para refletir o presente, e pensar o futuro.

Não descarto, entretanto, a ideia de realizar a proposta em um espaço expositivo fechado. Escolho como próximo local de atuação a Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, do Instituto de Artes da UFRGS, em Porto Alegre;²⁸ um lugar diferente do que fora utilizado previamente, porém que traz novas possibilidades para a ação. Pois, apesar das mutações do ambiente e, conseqüentemente, estreitamento das diversidades possíveis de novos participantes, enquanto houver a chance de abrir, mais uma vez, esse empreendimento de trocas não-capitalizáveis, a oportunidade para os (des)encontros do Eu e do Outro, e pessoas dispostas a receberem um novo nome, para a obra - e para mim - é apenas isso que importa.

²⁸ A ação citada será realizada no dia 06 de setembro de 2023, junto à apresentação de defesa final deste projeto de pesquisa.

PARTE II. DE BUSCAS E PERTENCIMENTOS

pro·po·si·ção

¹ [matemática] enunciado de uma verdade que se quer demonstrar ou de um problema que se pretende resolver;

² aquilo que se propõe; sugestão que se faz acerca de alguma coisa.

(Dicio, 2020)

5 . PROPOR ARTE

Proposta e Partícipe

Ao longo desta pesquisa, a presença da desmaterialização do fazer arte se manteve como uma constante. O conceito de criar um objeto de arte, que não é objeto físico, mas sim uma forma abstrata do campo das ideias. Ao refletir sobre *Oferta-se Nomes*, observo que, apesar da sua natureza não-material, a ação recorre ao uso de objetos materiais para ser executada completamente. Penso então no ponto de partida desta obra, o princípio cru de onde ela se origina; dispo ela da banca, do microfone, dos cartões com os nomes, e enfoco sua simbologia abstrata de proposição artística, a criação de uma situação.

Construir uma situação, de acordo com o grupo *Situationist International*,²⁹ se inicia após o desmoronamento moderno da noção de espetáculo, do ato de posicionar uma obra de arte como algo intocável pelo seu espectador não-participativo (*Situationist International* apud Jacques, 2003); a presença tradicional inflexível de um “artista” e de um “público-observador”. Em seu manifesto, o grupo defende esse conceito do afastamento do espetaculoso da arte, quando afirma que:

A situação é feita de modo a ser vivida por seus construtores. O papel do "público", senão passivo pelo menos de mero figurante, deve ir diminuindo, enquanto aumenta o número dos que já não serão chamados atores mas, num sentido novo do termo, "vivenciadores". (*Situationist International* apud Jacques, 2003, pg.62)

²⁹ Organização de artistas, escritores e críticos sociais fundada em 1957, cujo foco era a crítica ao capitalismo avançado pela revolução do cotidiano. Sua formação inicial consistia de nomes como Giuseppe Pinot-Gallizio, Piero Simondo, Elena Verrone, Michele Bernstein, Guy Debord, Asger Jorn, e Walter Olmo. O grupo encerrou suas atividades em 1972.

Viver arte, propor arte. Vemos essas ideias se desenvolvendo e tomando forma quando Basbaum³⁰ oferece um objeto de aço pintado para que o participante realize uma experiência artística decidida por ele mesmo;³¹ quando a *Maneuvers* (1976) de Kaprow³² instrui múltiplos casais sobre diferentes formas de agir e navegar por uma sequência de portas de um edifício; quando La Monte Young propõe desenhar uma linha reta e seguir ela (figura 17), servindo de princípio para a performance de Paik,³³ onde ele transcreve sua interpretação da frase ao mergulhar sua cabeça em um balde de tinta e produzir uma linha, pela extensão de uma longa folha de papel, com suas mãos, cabeça e gravata (figura 18).

Diferentes desdobramentos, diferentes propósitos, porém todos com o mesmo centro: trazer o público como constituinte do fazer arte, transformando-o em autor-espectador. Neste segundo momento de criação como artista-investigadora - ou, melhor dizendo, artista-propositora -, decido que o diálogo a ser explorado, diferencialmente da primeira ação, não mais é entre o artista e o partícipe; aqui, a presença do artista-criador é dispensável para a execução da ação,³⁴ e a interpretação do partícipe ultrapassa o caráter singular de “conteúdo de apoio”, se tornando protagonista da obra. O diálogo passa a ser entre o autor-espectador, o vivenciador, e a proposição, a situação - assim como todo o contexto em que ambos se inserem.

³⁰ Ricardo Basbaum (1961): artista multimídia, professor, curador e crítico brasileiro; publicou produções textuais como *Manual do Artista* e *Além da pureza visual*.

³¹ Obra “*Você gostaria de participar de uma experiência artística?*” (1994-2008) de Ricardo Basbaum.

³² Allan Kaprow (1927-2006): pintor estadunidense, assemblagista e *performer*; conhecido principalmente por seu desenvolvimento do conceito de *happenings* (obras definidas pelo artista como “atividades”), e sua participação no movimento *Fluxus*.

³³ Nam June Paik (1932-2006): artista sul coreano, um dos pioneiros da arte e tecnologia, considerado pai da videoarte.

³⁴ Me refiro à presença junto ao partícipe no momento do criar, pois, como você verá algumas páginas para frente, também me propus a realizar minha situação.

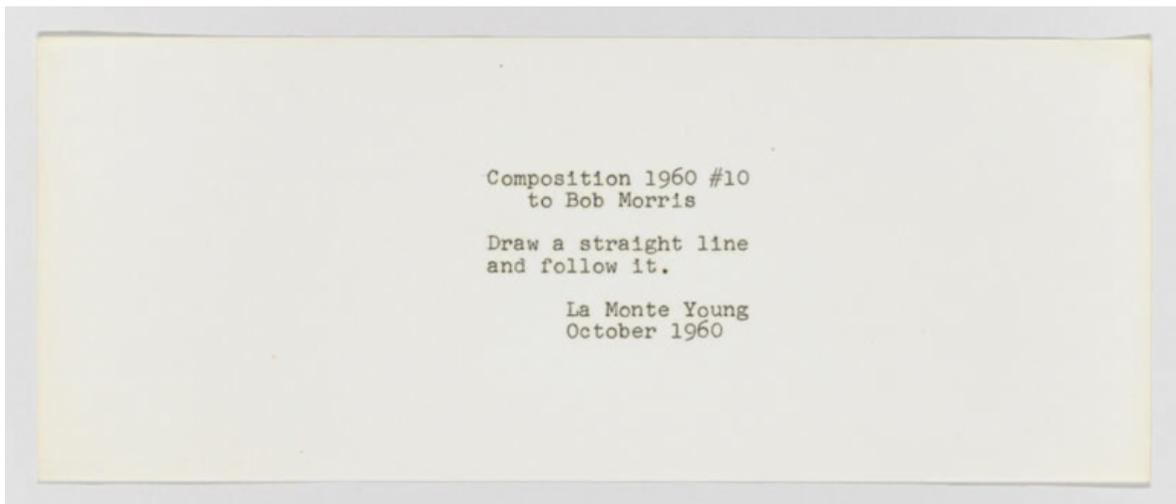


Figura 17: LA MONTE YOUNG - "Composition 1960 #10", 1960. Foto: *teaching.ellenmueller.com*



Figura 18: NAM JUNE PAIK - "Zen for a Head", 1962. Foto: *Medien Kunst Netz*.

¹ conjunto de circunstâncias que envolvem um fato e são imprescindíveis para o entendimento deste;

² o que está ao redor de algo ou de alguém.

(Michaelis, 2023; Dicio, 2020)

O indivíduo em contexto

É de certa forma cômico de se pensar em “contextualizar o contexto”. Porém, antes de prosseguir para as idealizações práticas e poéticas da proposição, gostaria de esclarecer, de forma breve, ao que me refiro objetivamente com esse termo.

Nós existimos, simultaneamente, em diferentes contextos. Só no decorrer desta pesquisa, já abordamos múltiplos exemplos de múltiplas definições do que seria esse tal “contexto”. O redor a ser romantizado pelo artista - contexto espacial. A pluralidade de culturas e povos que compõem o Brasil, e os nomes que habitam nele - contexto geocultural. As dezenas, centenas, e milhares de Eus que, coletivamente, constituem a sociedade - contexto social. Assim como Augé nos mostra que o indivíduo está em relação com diversas coletividades (Augé, 1999), o mesmo vale para os diversos contextos que influenciam e constituem as suas características subjetivas. Se pensarmos pelo viés do contexto social, é possível se explorar um grande número de instituições distintas - e constituintes daquilo que Bourdieu³⁵ denomina como “campos sociais”. Sobre essas instituições, Kathryn Woodward cita os exemplos de:

(...) tais como as famílias, os grupos de colegas, as instituições educacionais, os grupos de trabalho ou partidos políticos. Nós participamos dessas instituições ou "campos sociais", exercendo graus variados de escolha e autonomia, mas cada um deles tem um contexto material e, na verdade, um espaço e um lugar, bem como um conjunto de recursos simbólicos. (Woodward, 2014, pg.30)

Mesmo em conceitos abstratos como as relações sociais, é possível a criação de intersecções com a materialidade do contexto. Pode-se dizer que esse contexto físico, secundariamente ao seu propósito e significado maior, serve de

³⁵ Pierre Bourdieu (1930-2002): sociólogo francês, defendia que o mundo social deve ser compreendido à luz dos conceitos fundamentais de campo, habitus e capital.

recipiente para essas abstrações. A casa em que uma família mora em um bairro da Zona Sul, uma sala de aula de uma escola pública, o pátio de uma universidade federal, uma praça em frente a uma catedral, ou as ruas lotadas de um centro comercial.

A associação da subjetividade de um indivíduo com o espaço concreto se apresenta como algo curioso. Não existimos por causa de um lugar. Sim, nascemos nele, crescemos nele, vivemos nele; criamos até mesmo laços afetivos com algumas de suas partes, e memórias que cultivamos ao longo dos anos, mas não somos seres dependentes e obrigatoriamente fixos nesse espaço. Somos sujeitos sem ponto preciso, fundamentalmente desterritorializados, e incrustados em universos incorporais (Guattari, 1992). Nem mesmo o próprio espaço se mantém fixo. Não no mesmo sentido de um indivíduo nômade, mas de um indivíduo mutável; constantemente se reinventando, se reformando ou se transformando pedaço a pedaço, ou se permitindo envelhecer e deteriorar com o passar do tempo.

Sendo seres nômades e seres mutáveis, como poderia se explorar essa intersecção dos indivíduos com o espaço? Seria possível, nos pedaços do mundo externo físico, semelhante a como nos (des)encontramos no Outro, procurar e encontrar fragmentos simbólicos corpóreos do mundo interno subjetivo? Mas qual seria esse mundo externo físico? Tomo esses dilemas como parte da poética desta segunda ação; decido que para continuar explorando as dezenas, centenas, e milhares de Eus, o coletivo de Eus, preciso explorar o espaço onde eles existem, as dezenas, centenas, e milhares de lugares, o coletivo de lugares - onde se encontram as casas, as salas de aula, o pátio da universidade, a praça da catedral, e as ruas lotadas.

¹ um modo de comportamento experimental associado às condições da sociedade urbana: uma técnica de passagem transeunte por ambiências variadas;

² sem rumo certo, ao sabor dos acontecimentos.

(*Situationist International*, 1958; Dicio, 2009)

6 . EM CASO DE DÚVIDA, PROCURE(SE)

A Cidade e o Reflexo

A cidade permitiu e generalizou a experiência da proximidade: ela é o símbolo tangível e o quadro histórico do estado de sociedade, esse "estado de encontro fortuito imposto aos homens". (Bourriaud, 2009, pg.21)

Pensar a cidade como espaço de atuação e membro ativo da minha proposição, requer que eu considere mais alguns outros dilemas prévios à ação. Eu tenho um indivíduo-criador, e tenho um contexto. Mas qual a minha situação a ser executada nele? E como eu crio um diálogo entre essas três unidades?

Apesar de ainda me referir ao fazer arte da proposição como um "diálogo", reconheço a presença do desequilíbrio da fala entre meus três "conversadores", em que o favoritismo se volta para o indivíduo-criador, focando-o como protagonista singular da narrativa. Reconheço, também, assim como Kwon³⁶(2004), a necessidade desse desequilíbrio para o fluxo da ação. Contudo, continuo a fazer uso do termo "diálogo" para reiterar que, apesar desse desequilíbrio, as trocas entre as unidades ainda estão presentes; não estamos falando de um "monólogo".

(...) a complexa orquestração de lugares literais e discursivos que compõem uma narrativa nômade requer o artista como narrador-protagonista. Em alguns casos, esse foco renovado no artista em nome da auto reflexividade autoral leva a uma implosão hermética de indulgências (auto)biográficas e subjetivas. (Kwon, 2004, pg.51)

³⁶ Miwon Kwon (1961): curadora coreana e educadora de história da arte; seus trabalhos se concentram em arte contemporânea, *land art* e arte *site-specific*.

Michel De Certeau diz que “o ato de caminhar está para o sistema urbano assim como a enunciação está para a língua” (De Certeau, 2012, pg.164). Se caminhar é o idioma universal da cidade, então é por ele que a narrativa da minha situação se desenvolve. Por esse ato de caminhar no espaço, e pelas intersecções identitárias entre a subjetividade do autor-espectador e o espaço urbano em que ele se insere, *Em Caso de Dúvida, Procure(se)* se apresenta como uma proposição artística de (auto)reflexão, (auto)investigação, e deriva, em que proponho ao vivenciador que “Chame pelo seu nome,³⁷ andando por aí, se procurando. Você só para quando você se encontrar”.

Apresentados os conceitos poéticos e operacionais determinados para a proposição, podemos então passar para o momento em que ela deixa de ser apenas proposta escrita e idealizada, e se torna arte acional propriamente dita.

Buscar por Si

E mais uma vez, volto ao espaço público aberto para criar.³⁸ Como estamos falando de uma ação de deriva, uma ação que se opõe às tradicionais noções de viagem e de passeio (Debord apud Jacques, 2003), diferente de *Oferta-se Nomes*, de nada mais me interessa os espaços fixos de descanso e lazer. O ato de caminhar precisa acontecer em meio ao fluxo, ao movimento das ruas e dos transeuntes que as percorrem.

Optei novamente pela zona central de Porto Alegre como local de experiência; dessa vez não só pela sua localização de acesso relativamente fácil, mas pela sua diversidade. Na ação com a banca, justifiquei a escolha do Parque Redenção por sua diversidade de classes, idades, grupos e etnias dos indivíduos. Enquanto o caso se assemelha aos indivíduos presentes na região conhecida como Centro Histórico, por diversidade me refiro, na verdade, ao coletivo de lugares do espaço. Lojas, cafés, lancherias, tabacarias, bancas, restaurantes,

³⁷ Descrevo melhor sobre esta parte da proposição no subtítulo seguinte.

³⁸ E agora, também, para que Outros criem.

estacionamentos, centros comerciais, lotéricas, museus, hotéis, praças; uma variedade múltipla de lugares propícios para se encontrar.

Decidido o local da execução, eu precisava divulgar minha proposição para encontrar os possíveis vivenciadores dela. Do boca a boca entre amigos e conhecidos, até a disseminação via Instagram (figura 19) - fosse pelo meu perfil pessoal,³⁹ ou pelo compartilhamento em outras páginas -, pouco a pouco fui espalhando sobre a existência da minha proposta, que ficou marcada para acontecer na tarde do dia 24 de junho de 2023, com seu ponto inicial no cruzamento da Avenida Borges de Medeiros com a Rua dos Andradas - popularmente conhecido como Esquina Democrática.⁴⁰

Ali, no canteiro central, quase pontualmente ao horário marcado, me reuni com os outros criadores, e expliquei para eles do que se tratava a proposição. Até aquele momento, tentei ao máximo não divulgar durante os convites feitos sobre o que aconteceria exatamente no dia da experiência. Me absteve a responder frases curtas e evasivas quando era questionada, como “é uma performance participativa” e “é uma proposta acional sobre identidade”. Eu não queria que os vivenciadores pensassem na proposta antes do dia marcado, remoendo e triturando a questão, tentando (se) desvendar antecipadamente. A busca e o diálogo precisavam acontecer com a presença de todas as unidades - proposta, criador e contexto.

³⁹ Acabei ficando sujeita a presença maior de pessoas que eu já era familiarizada, assim como pessoas do campo artístico. Confesso, como artista acional, e principalmente depois dos meus experimentos com a banca de nomes, que o encontro entre estranhos cotidianos me entusiasmava mais do que pessoas conhecidas. Mas, isso é apenas um gosto pessoal do momento, não fazendo diferença para o desenvolvimento da proposição, e não desvalorizando a presença de conhecidos.

⁴⁰ Ironicamente, o local foi escolhido como ponto inicial por, na minha concepção, ser um “centro do centro”, um espaço de meio termo entre as diferentes direções que o partícipe poderia seguir, mais “democrático”.



Figura 19: Imagem de divulgação da proposição “Em Caso de Dúvida, Procure(se)”. Foto: Arquivo da artista.

“Chame pelo seu nome, andando por aí, se procurando. Você só para quando você se encontrar”. Me recordo da pausa coletiva entre os presentes, as expressões pensativas e confusas paradas no meio do movimento da Borges, tentando interpretar o que a proposição sugeria.⁴¹ Se procurar? Se encontrar? Eu posso me procurar, se eu não me perdi? Tentar me encontrar, se sei que estou bem aqui? Vejo semelhanças entre minha estranha proposição e a da obra *Map Piece* (figura 20) de Yoko Ono, em que, revisitando o conceito de propostas e mapas, a artista inverte a ideia de um mapa quando pede que o autor-espectador “desenhe um mapa para se perder.” Como posso criar um mapa para me perder, se o princípio dele é exatamente o de ajudar alguém a se localizar?

E o estranhamento da proposta se estende ainda mais. “Chamar por mim mesmo?”. Existem dois motivos que me fizeram incluir essa ação à proposta de *Em Caso de Dúvida, Procure(se)*. O primeiro, a retomada do nome como símbolo de identidade do indivíduo; o chamar por si se torna ato simbólico que demarca o começo da busca subjetiva do Eu naquele espaço. O segundo, puramente pelo caráter de estranhamento. Quantas vezes na vida chamamos por nós mesmos na rua, como se tivéssemos avistado um conhecido em meio a multidão? Apesar de se tratar de uma obra de espera passiva, e não de procura ativa, encontro similitudes dessa escolha de chamar pelo seu próprio nome com *Esperando Jéssica* (figuras 21 e 22) de Jéssica Becker. Na ação, a artista se posiciona em diferentes contextos espaciais, nas portas de entrada e saída da cidade de Valência/Espanha - a rodoviária, aeroporto e estação de trem - segurando uma placa com seu nome escrito, se procurando silenciosamente, esperando por si mesma tal qual se espera por um amigo ou ente querido que retorna de uma longa viagem.

Como disse, o chamar por si demarca o começo da busca. Faço as honras como artista-propositora, aquela que inseriu os vivenciadores naquela procura estranha, e chamo pelo meu nome primeiro. Saio andando em direção à Andradas, escutando outros nomes sendo chamados, até se tornarem sons distantes, a partir que os diferentes criadores tomam seus diferentes caminhos.

⁴¹ Uso novamente uma frase de caráter aberto, com poucas explicações, e deixo o participante explorar os possíveis significados da proposição.

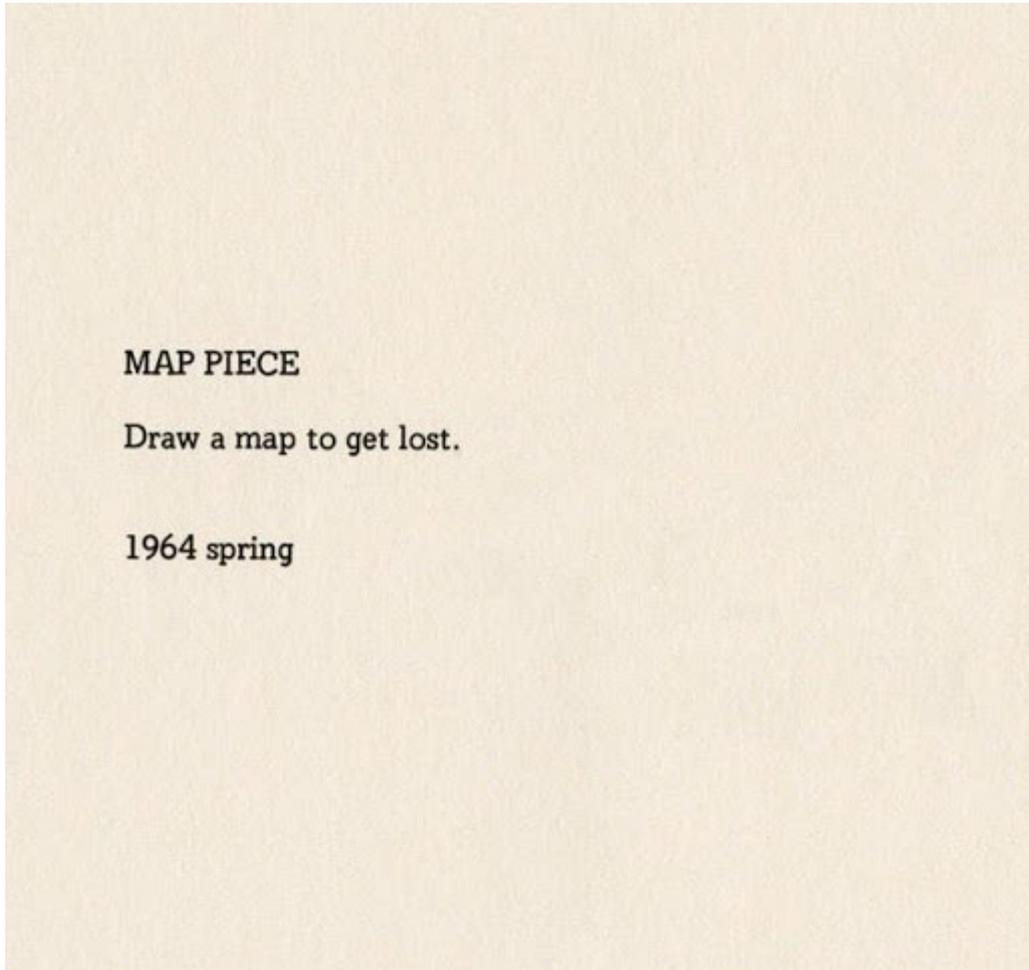


Figura 20: YOKO ONO - "Map Piece", 1964. Foto: teaching.ellenmueller.com



Figura 21 e 22: JÉSSICA BECKER - “Esperando Jéssica”, 2009-2010. Foto: jessicabecker.art



7 . NARRATIVAS NÔMADES

TIAGO GASPERIN

“ Meu ponto de partida foi na esquina democrática e, de cara, resolvo ir para o lado oposto do resto do grupo. Todos seguiram em direção à praça da alfândega. Eu vou em direção ao Instituto de Artes, subindo a Andradas.

Começo me chamando baixinho. Aos poucos, vou experimentando gritar meu nome. Tenho um ímpeto de olhar muitas vitrines, como se ali fosse possível eu me encontrar a mostra para vender. Sigo pensando no porquê disso. Será que é uma visão comercial de mim mesmo?

Entro em uma galeria na Andradas. Tudo lá é estranho. Muitas lojas de relógios, aparentemente falsos. Penso que eu gosto muito de relógios. Tem algo neles que quase fez com que eu me encontrasse. Acho que seu viés utilitário.

Ao longo da galeria vou me chamando baixinho.

Saio da galeria e um homem com uma dessas plaquinhas de "Compro ouro" olha para mim e pede:

- Tu quer falar com o Alex?

Eu digo que não, que estou só olhando. Logo me bate um certo arrependimento. Fico pensando na resposta que eu gostaria de ter dado:

- Não, tô procurando o Tiago. Tu viu ele por aí?

Afinal, se ele sabe onde está o Alex, por que não saberia onde está o Tiago?

Sigo pela galeria, saio em uma outra rua que desemboca na Andradas. Não me encontrei, mas encontrei a Andradas de novo.

Me sinto um místico. Eu que em geral me considero bastante cético e que tento me guiar por uma certa racionalidade, passo a ver sinais em tudo. Letras, números, objetos, falas... Tudo pode ser um indicativo de que eu estou por perto. Um sinal do universo.

Sigo o percurso. Entro em um shopping na praça da Alfândega. Me chamo baixinho constantemente, parece mais efetivo do que gritar. Um segurança pergunta se eu preciso de ajuda. Dessa vez eu digo:

- Estou procurando o Tiago!

Acho que pego ele desprevinido. Confuso, ele me diz que não conhece nenhum Tiago, pede se trabalha em alguma loja. Eu me limito a dizer que o Tiago disse que estaria por ali. Ele diz de maneira muito simpática que não consegue me ajudar. Eu agradeço, sorrindo, e vou embora.

Vejo uma casa do papel. Tenho uma sensação que ali é um lugar em que é bem possível que eu me encontre. Dito e feito. Me deparo com uma presilha de papel (ou clipe, ou grampo (parece que nenhum nome é muito adequado)). Ela é preta e prata. Enorme, quando comparada com os outros modelos. Custa R\$4,50. Comprei.

Saio de lá incerto. Será que me encontrei mesmo? Mando mensagem para Nazú, digo que me encontrei (apesar do sentimento de dúvida). Ele diz que também se encontrou. Prendo o meu objeto no meu boné e vou encontrar ele na praça da Matriz. Aqui, algo irônico acontece: me perco no caminho.

Depois de encontrar Nazú. Vamos juntos para a praça da Alfândega encontrar outras pessoas que fizeram a ação. Quando mostro o objeto onde me encontrei uma das pessoas diz:

- Isso é muito útil!

Nesse momento me encontrei/identifiquei um pouco mais com ele. ”

MAXIMILIAN COSTA

“ Eu fui para o centro mais cedo e já estava em modo exploratório.

Fui até o mercado procurando um lugar para almoçar e, como tinha tempo para passear, comecei a caminhar pelo local, procurando por coisas novas e explorando o andar de cima, onde raramente vou.

Notei que a banca 40, onde costumava ir com meu pai, havia mudado. Isso me fez refletir sobre memórias afetivas.

Após o almoço e um café, percebi que ainda faltava quase uma hora para o horário marcado, então passei um bom tempo caminhando sozinho, perdido em meus pensamentos, até que chegou a hora de me encontrar com alguém.

Antes mesmo de começar a busca, eu já tinha em mente os lugares para onde iria, pois já havia me questionado sobre onde me encontraria, deixando-me guiar por memórias afetivas, indo até a casa de cultura.

Procurei pelas salas onde costumava me apresentar quando estava na banda, mas acabei encontrando apenas portas trancadas. Tentei entrar em alguns lugares onde não deveria, mas não fui muito longe.

Depois, segui em direção ao gasômetro, deixando-me levar pelo que me chamava a atenção e sendo o mais espontâneo possível. Fui seguindo coisas interessantes e me afastando daquelas que sabia que não me interessavam.

Foi nesse momento que percebi que não me encontraria em um local físico e comecei a questionar o significado de "se encontrar". Cheguei à conclusão de que

esse encontro teria que acontecer internamente, não ali, naquele momento, em busca de um lugar, evento ou qualquer coisa no centro de Porto Alegre. De certa forma, essa busca pela cidade foi um passo para eu entender como esse processo funciona para mim e quais seriam os próximos passos. ”

ARTHUR MELLO

“ Quando comecei a deriva a princípio não me senti a vontade de gritar meu próprio nome em busca de mim mesmo. Me perguntei se eu sequer gostaria de ser encontrado onde quer que eu estivesse; quando pensei em gritar, senti medo da minha própria voz e tudo que consegui expressar foi um suspiro e um calafrio, uma criança assustada perdida nas ruas sem saber em quem confiar. Minhas memórias com o centro de Porto Alegre todas tem um gosto amargo ou agridoce e me deixei ser levado por elas até o meu antigo local de treino onde comecei meus primeiros passos dentro da luta livre. Ao olhar para o prédio onde ficava a academia, agora completamente vazio, não consegui sentir nenhum apego ou nostalgia ou saudades. Não me encontrei lá, o lugar mais provável onde eu estaria, e tive certeza naquele momento que eu não queria ser encontrado. Muitos acontecimentos recentes da minha vida me deixaram completamente desconectado de qualquer espaço, minha essência não parece se conectar com lugar nenhum, escondida em algum canto escuro de algum abismo imaterial com algum pavor existencial a impedindo de sair e se ver nos lugares. Eu estou no espaço apenas em corpo, não me vejo em lugar nenhum e já não sei mais se um dia me verei. Qualquer que seja o processo que estou passando no momento, a experiência de me procurar revelou o medo e o terror que residem nele e como minhas amarras com a matéria ao meu redor estão mais finas do que nunca. ”



EM CASO DE DÚVIDA, PROCURE(SE) é uma performance/arte de ação participativa proposta por mariana schantz que ocorreu no dia 24 de junho de 2023, no centro histórico de porto alegre.

a partir dos meus registros, compartilho aqui minha experiência como performer e participante da deriva em que estive à procura de mim.



rapidamente tive o impulso de me procurar em buracos, sulcos e fendas. chamei pelo meu nome timidamente ao me aproximar de cada um.

nazú nazú nazú nazú nazú nazú nazú nazú nazú
nazú nazú nazú nazú nazú nazú nazú nazú nazú
nazú nazú nazú nazú nazú nazú nazú nazú nazú
nazú nazú nazú nazú nazú nazú nazú nazú nazú
nazú nazú nazú nazú nazú nazú nazú nazú nazú
nazú nazú nazú nazú nazú nazú nazú nazú nazú
nazú nazú nazú nazú nazú nazú nazú nazú nazú



nazú nazú nazú nazú nazú nazú nazú nazú nazú
nazú nazú nazú nazú nazú nazú nazú nazú nazú
nazú nazú nazú nazú nazú nazú nazú nazú nazú
nazú nazú nazú nazú nazú nazú nazú nazú nazú
nazú nazú nazú nazú nazú nazú nazú nazú nazú
nazú nazú nazú nazú nazú nazú nazú nazú nazú
nazú nazú nazú nazú nazú nazú nazú nazú nazú



chamar pelo meu nome em voz alta.
o nome que escolhi para mim.



e me encontrar em uma fechadura

FRAN

“ Eu não falei meu nome como se procurando a mim mesmo porque tive vergonha, não gostaria de chamar atenção. De qualquer jeito eu tava me chamando em pensamentos e não sabia muito bem como fazer ou o que fazer, então caminhando ali no centro com o Val vi o MARGS e pensei que a gente podia entrar pra ver o que tava exposto, por que era um lugar que eu estaria. Lá as duas exposições que tava tendo eram de fotos do Pierre Verger, coincidentemente com o tema de retratos, identidade. Vi várias pessoas e eu não era nenhuma, mas foi muito bom. Não sei se não me achei ou se já tava achado mesmo, mas foi uma experiência legal. ”

LIANA SCHANTZ

“ Não sei se o fato de eu ter uma relação desde criança com o Centro de Porto Alegre colaborou para esse momento, mas o sentimento de encontro aconteceu muito rápido, e me surpreendi com isso. Me permiti fechar os olhos e sentir como os sons a minha volta sincronizavam de certa forma com meus sentimentos. Barulho de árvores e pássaros misturando com os sons do trânsito e de músicas desconexas do comércio formaram um caos, o qual eu rapidamente me identifiquei. Senti o caos que mora dentro de mim, a minha própria diversidade de ideias que costuma me afastar de qualquer comodismo, e toda essa explosão de pensamentos e sentimentos me deixou tranquila, fez eu pertencer aquele lugar e me enxergar em tudo aquilo. ”

“Não sei **por onde vou**,
Não sei **para onde vou**
Sei que **não vou por aí!**”
José Régio, Cântico Negro⁴²

8 . ENCONTRAR(SE?)

Pertencer Deslocado

MARI!

Chamo pelo meu nome e sigo pela Andradas (figuras 23, 24, 25 e 26), em direção à Praça da Alfândega. Escrevendo este relato percebo que foi uma decisão inconsciente de me afastar de tudo aquilo que me é cotidiano no centro de Porto Alegre - o Instituto de Artes, o camelódromo onde costumo pegar ônibus, as lojas as quais já estou familiarizada. Minha irmã caminha comigo por parte do percurso, as duas em silêncio por boa parte dele, já pensativas, observando o nosso redor. Me pergunto por quanto tempo nossa rota seria a mesma e, com a mesma velocidade em que penso isso, ela vira uma esquina diferente, e segue seu caminho.

Não fico muito tempo pela Andradas, passo minha procura para a Praça da Alfândega. Eu acho que nunca parei de verdade ali no centro dela. Ela sempre serviu como um lugar de passagem, e não descanso; nunca sentei em um dos seus bancos e observei o redor. Onde eu poderia estar naquele espaço? Nos brinquedos da pracinha? No canto dos pássaros? Na altura das árvores? Não, não conseguia me encontrar, não era ali que eu estava.

⁴² Agradeço e credito minha irmã Liana por me contar sobre esse poema de Régio enquanto conversávamos após a deriva.

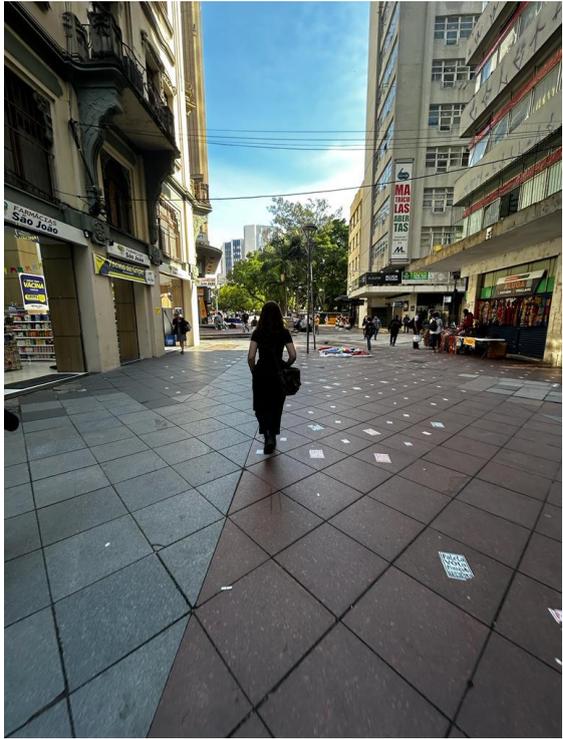


Figura 23, 24, 25 e 26: MARIANA SCHANTZ - "Em Caso de Dúvida, Procure(se)", 2023. Foto: Liana Schantz



Sigo para além da praça, em direção a área dos museus. “Se encontrar aqui parece tão raso”, passa brevemente pela minha cabeça, a identidade de artista dando sua opinião (auto)crítica. Realmente, começo a perceber que na fachada daqueles prédios, e nas ruas ao seu redor, não consigo me achar. Até que me ocorre um lapso de memória: minha primeira visita ao MARGS quando tinha 10 anos, para a exposição “*Arte na França 1860-960*”. Me lembro da fila gigantesca que se formou ao lado de fora do prédio, das salas cheias do museu, do quadro *Rosa e Azul* de Renoir. A memória, por mais acolhedora que fosse, não me parecia suficiente para dizer que era ali que eu estava. Naquele momento, porém, percebi que talvez não seria por olhar os símbolos completamente concretos - como a aparência dos prédios, as formas das ruas, o verde dos canteiros - que eu me encontraria; talvez eu precisasse olhar para além do material, e procurar pelos símbolos afetivos e/ou da memória.

Porque cremos que a visão se faz em nós pelo fora e, simultaneamente, se faz de nós para fora, olhar é, ao mesmo tempo, sair de si e trazer o mundo para dentro de si. Porque estamos certos de que a visão depende de nós e se origina em nossos olhos, expondo nosso interior ao exterior, falamos de janelas da alma. (Chauí apud Barros, 2003, pg.6)

Deixo aquele lugar para traz e caminho em direção a prefeitura. Apesar da consciência sobre as constituições, caracterizações, e particularidades do meu mundo interno, a presença dessa cidade subjetiva (Guattari, 1992) na materialidade da cidade física ainda se apresentava como desconhecido. Começo a procurar pelos fios afetivos nas ruas, e tomo rumo pela Praça XV de Novembro, observando o comércio. Acho que nunca comi em nenhuma daquelas lancherias, na verdade acho que nunca nem estive perto delas. Decido caminhar por ruas por onde nunca estive,⁴³ algumas tão perto daquelas que costumo passar por.

Em toda essa parte da rota eu observo o meu redor, mas minha cabeça começa a divagar sobre memórias de espaços (não muito) distantes. O restaurante vegetariano na Coronel Vicente apresentado para mim pela minha mãe, e que hoje compartilho memórias com meus amigos mais íntimos (figura

⁴³ Apesar de me procurar pelos afetos e memórias, penso “E se na verdade eu já estive por aqui e não me lembro?” ou “E se nunca andei por aqui, e de repente me dou de cara comigo mesma?”.

27); a Rua Senhor dos Passos, a qual subi e desci incontáveis vezes, presente em diferentes fases da minha vida (figura 28); a Praça da Matriz, mais especificamente um banco em frente à pracinha e ao Monumento a Júlio de Castilhos, onde passei uma tarde de sol sonhando acordada com um amigo sobre curtas e roteiros que um dia iríamos produzir (figura 29). É chegando neste último local citado que me dou conta que não conseguiria me encontrar naquele dia. Eram tantos lugares possíveis, tantos laços e conexões, e ainda assim nada era bom o bastante, nada era completamente eu.

As identidades não são neutras. Por trás da busca pela identidade estão valores diferentes e muitas vezes conflitantes. Ao dizer quem somos, estamos também nos esforçando para expressar o que somos, o que acreditamos e o que desejamos. O problema é que as crenças, necessidades e desejos muitas vezes estão evidentemente em conflito, não apenas entre comunidades, mas dentro dos próprios indivíduos. (Weeks, 1990, pg.89)

Ao considerar o produto da minha deriva, me pergunto: será que realmente não me encontrei porque não estava mesmo naqueles lugares, ou porque me prendi a ideia de que eu só poderia estar obrigatoriamente em apenas um lugar? O que me impede de pertencer a mais de um daqueles lugares, ou até mesmo a todos eles? Quando Stuart Hall cita a teoria laclauiana do “deslocamento”,⁴⁴ ele exemplifica a estrutura de uma sociedade deslocada como “uma pluralidade de centros de poder” (Hall, 2015, pg.16). A mesma definição se aplicaria para a identidade; uma identidade deslocada, formada não por um centro único e fixo, mas por uma pluralidade de centros subjetivos. Sobre a identidade deslocada do Eu, Hall explica:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (Hall, 2000, pg.12-13)

⁴⁴ Teoria de Ernesto Laclau (1935-2014) de que a sociedade moderna tardia é definida por uma corrente contínua de elementos identificatórios.

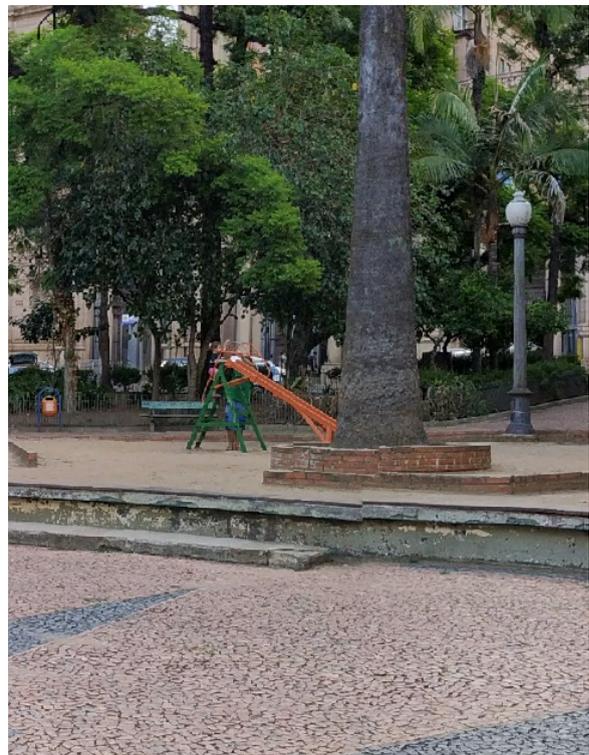


Figura 27, 28, 29:
Todos os lugares em
que (não) me encontrei.
Foto: *Google Maps*

Penso nessa noção de pluralidade do Eu quando observo a obra *Procuro-me* (figura 30) de Lenora de Barros; cartazes como aqueles usados para procurar pessoas perdidas, que expõem diferentes faces da artista, diferentes Eus de um mesmo Eu. Se dentro de mim existem múltiplos centros, diferenças e intersecções, tal como diagramas de Venn que se encontram para formar unidades maiores (figura 31), então meu pertencimento pode ser tão deslocado e múltiplo quanto Eu sou.

A ideia – que hoje se tornou senso comum – de que a identidade individual é moldada por múltiplos fatores que se destacam diferentemente de um contexto social para outro deve muito à premissa da interseccionalidade a respeito das identidades interseccionais. Em nível elementar, uma pessoa não precisa mais se perguntar: “Sou primeiro chicana, mulher ou lésbica?”. A resposta “sou *simultaneamente* chicana e mulher e lésbica” expande esse espaço de subjetividade e abrange múltiplos aspectos da identidade individual. (Collins, 2021, pg. 209)

Após decidir que havia terminado minha procura por aquele dia, me reencontro com alguns dos vivenciadores na Praça da Alfândega, e ali mesmo trocamos algumas das experiências. Ouvir os diferentes métodos e perspectivas de cada deriva realizada me quebrou diversas expectativas e conceitos sobre símbolos e pertencimentos. Pessoas que se encontraram dentro de lugares, em objetos achados, no coletivo abstrato do redor, ou até mesmo pessoas que, assim como eu, não se encontraram.⁴⁵ O que nos traz de volta à última parte da frase, ainda não caracterizada, da proposição - “você só para quando você se encontrar”

⁴⁵ Em tom de brincadeira, pedi desculpas aos presentes por ser a artista-propositora da busca, mas eu mesma não ter conseguido me encontrar.



Figura 30: LENORA DE BARROS - "Procu-ro-me", 2006, fotografia sobre papel algodão, 86,0 x 72,2 cm Foto: *Google Arts & Culture*

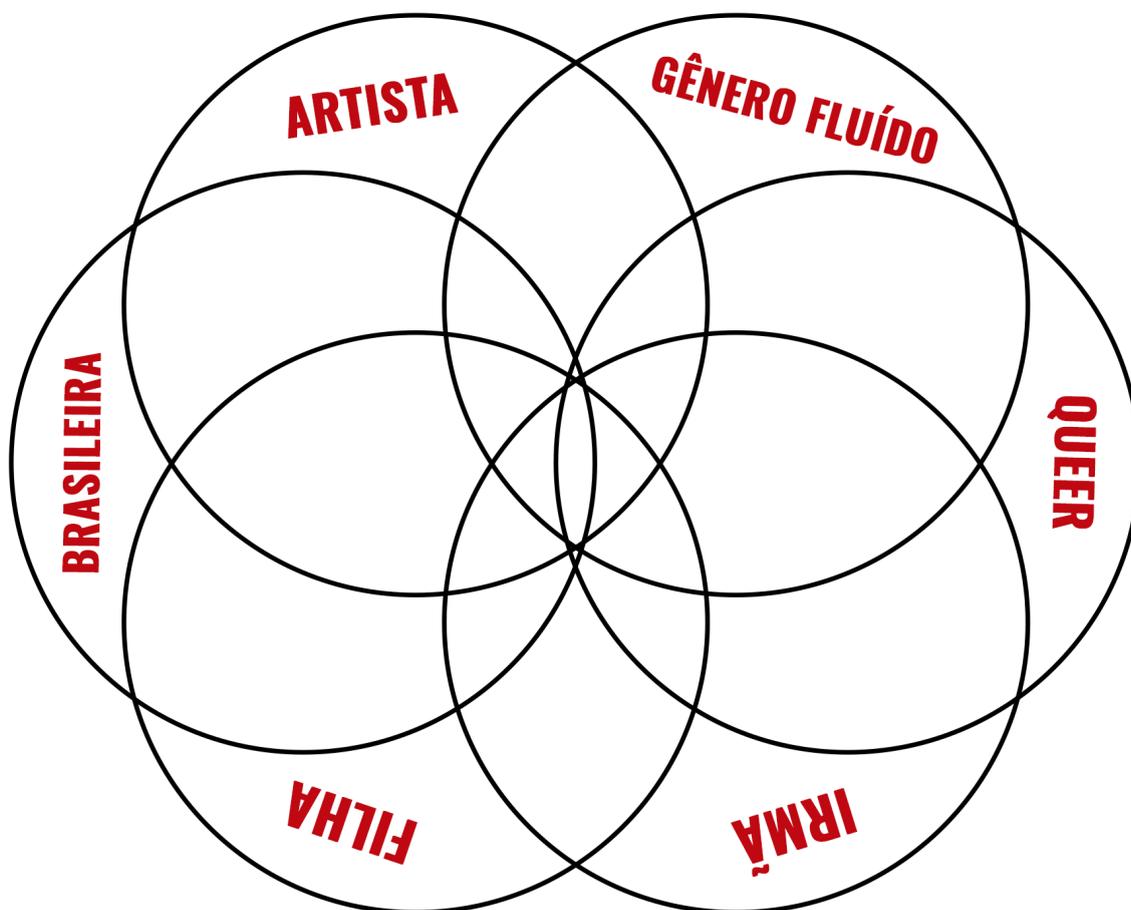


Figura 31: Um diagrama de algumas identidades da artista, 2023. Foto: Arquivo da artista.

Assim como a identidade, algo formado ao longo do tempo, uma busca infinita sempre “em processo”, sempre “sendo formada” (Hall, 2000), *Em Caso de Dúvida, Procure(se)* não possui um fim definitivo. A última frase da proposição é colocada de forma que convido o vivenciado a refletir sobre esse fim fabricado. Aqueles que não se encontraram, talvez um dia finalmente se encontrem, e o que não garante que aqueles que deram sua busca como terminada venham a um dia - talvez em algumas semanas; ou meses; ou anos - se perder novamente, observando sua escolha e percebendo que já não se encontram mais ali. Norbert Elias apresenta um exemplo interessante sobre essa relação entre o tempo e a identidade, quando diz:

Eu, diria alguém, sou sempre a mesma pessoa. Mas isso não é verdade. Aos 50 anos, Hubert Humbert é diferente da pessoa que era aos dez. Por outro lado, a pessoa de 50 anos mantém uma relação singular e muito especial com a de dez. Aos 50, já não tem a mesma estrutura de personalidade dos dez anos, mas é a mesma pessoa. É que a pessoa de 50 anos proveio diretamente da de um, dois e, portanto, da de dez anos, no curso de um processo específico de desenvolvimento. Essa continuidade do desenvolvimento é a condição para a identidade do indivíduo de dez e de 50 anos. (Elias, 1994, parte 3, capítulo 6, parágrafo 2)

Falar dessa noção de temporalidade também me faz refletir sobre as possíveis formas de exposição da obra. A primeira já se esclareceu anteriormente; assim como a procura proposta, *Em Caso de Dúvida, Procure(se)* é uma proposição sem ponto final. Pelo contrário, ela é encorajada a ser repetida infinitamente, seja no mesmo espaço em que já foi realizada, ou em contextos espaciais completamente novos. A segunda forma de exposição que opto para a obra, é pela forma do resíduo.

Em *Oferta-se Nomes* eu descarto os registros dos relatos como objetos documentais a serem expostos; aqui, penso na possibilidade do produto das derivas como marcos históricos da proposição, provas escritas e concretas das narrativas. Enfatizo essa ideia do resíduo como uma possibilidade, e não uma necessidade; independente de provas e marcos, os únicos a quem realmente

interessa ter ciência sobre os acontecidos, são aqueles os quais vivenciaram eles.

Expor relatos das derivas me inclina a expor com elas o contexto em que ocorreram. Não exatamente todas as ruas e espaços em que cada criador percorreu, mas o recorte do espaço que estava à sua disposição. Penso assim em um mapa, não para se encontrar - ou se perder -, mas para mostrar e relacionar os (des)encontros vivenciados. Tomo como uma referência para o conceito desse mapa uma das reflexões da artista Meredith Monk sobre seu trabalho *Portable* (1966), em que ela diz:

Comecei a pensar na ideia de resíduo. Algo deixado para trás ou vindo após o término de um processo. [...] O passado e o presente em uma só peça. Um mapa. Um mapa é sempre usado como um guia, uma referência antes (às vezes durante) da viagem. Nesta peça, o mapa seria um processo contínuo (durante a peça) e um resíduo do processo de toda a peça. (Monk apud Kaye, 2000, pg.120)

“O passado e o presente em uma só peça”, a possibilidade de evidenciar por um objeto a temporalidade da subjetividade do Eu, assim como a temporalidade daquele contexto. Não considero uma representação completamente acurada das situações - no fim, apenas aqueles que vivenciaram suas derivas terão o olhar e senso puro dos acontecidos -, mas sim, assim como o âmago da obra propõe, um novo gancho para a (auto)reflexão dos (des)encontros possíveis entre a cidade subjetiva e a cidade concreta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eu não sou o Outro, ou Outros, jamais o serei, mas deles emanam elementos que a mim contaminam, fazendo-me agir em determinada direção e perspectiva. (Becker, 2017, pg.163)

Para discorrer por fim sobre todo o conjunto deste estudo, neste momento pós-ações, preciso primeiramente esclarecer o âmbito em que se configurou a pré-pesquisa. *Em Caso de Dúvida, Procure(se)* nasceu como um projeto em meio ao cenário de pandemia, três anos em que o contato entre as pessoas era fortemente evitado por conta do alto risco de contágio pela COVID-19. Por pelo menos metade desses três anos, o isolamento social, e o ócio forçado da mudança do cotidiano, refletiram profundamente no meu psicológico e nas minhas noções de identidade e pertencimento como Eu-indivíduo.

Os dois momentos de criação apresentados nesta pesquisa são reflexos de questionamentos e espiralações próprias do artista-investigador que aqui se apresenta. Em *De Trocas e Encontros*, pôde-se explorar o peso simbólico de um nome, e o quanto ele impacta a noção de identidade de um indivíduo dentro de um espaço político e social. Com a minha banca de nomes, pude fazer uso desses símbolos como um meio de me conectar com o Outro desconhecido e seu mundo interno estrangeiro, criando um espaço de trocas em que ambos podíamos refletir sobre quem somos enquanto Eu, e enquanto Nós.

Em *De Buscas e Pertencimentos*, pôde-se expandir os símbolos de identidade para outras formas de investigação, abordando sobre a busca da expressão do mundo interno subjetivo no mundo externo concreto. Com a proposição de derivar pelo espaço urbano, pude me afastar da ideia de ser aquela que controla a direção que a narrativa da obra deve tomar, entregando ao Outro o papel de vivenciador e criador da obra, assim como as rédeas da sua procura de si mesmo, e do diálogo entre ele, a dúvida, e a cidade.

Ter a oportunidade de novamente poder ‘criar em movimento’, me fez perceber o quanto o contato com o Outro me fazia falta enquanto artista, e enquanto ser humano. Ao mesmo tempo em que desenvolvi esta pesquisa como

uma forma de explorar e estudar sobre os modos de ser dos Outros, (des)entender sobre os diferentes Eus que vivem realidades aleatórias e paralelas à minha, reconheço que este projeto se tornou uma possibilidade para (re)encontros. (Re)encontrar os conhecidos, (re)encontrar os estranhos, (re)encontrar os espaços, (re)encontrar os propósitos, (re)encontrar a si mesmo.

Pelos (re)encontros, (des)encontros e (des)entendimentos que esta pesquisa possibilitou sobre a identidade social do Eu, do Outro, e do Nós, pode-se concluir que, por conta do seu caráter deslocado e de processo infinito, suas viabilidades investigativas e analíticas são múltiplas e diversificadas. Tal viabilidade se apresenta frente a mim como chances de novos desdobramentos do fazer arte. Talvez como uma continuidade deste estudo prático-teórico, apresentado 77 páginas atrás, ou talvez como um viés completamente novo, procurando por novas ferramentas e/ou processos artísticos; novos meios de pensar as representações e intersecções; novas formas de olhar e sentir o meu redor; novas tentativas de tentar compreender sobre quem somos, e o lugar em que pertencemos no mundo; novas dúvidas e questionamentos, os quais não poderei garantir a mim mesma ou aos outros por respostas absolutas, apenas as buscas pelas quais elas poderão (talvez) ser encontradas.

REFERÊNCIAS

ARDENNE, Paul. ***Un Arte Contextual: Creación Artística en medio urbano***. Azarbe, 2006.

Arte de Acción. **Wikipédia**, 2023. Disponível em:
<https://es.wikipedia.org/wiki/Arte_de_acci%C3%B3n>. Acesso em:02/08/2023.

AUGÉ, Marc. **O Sentido dos Outros: Atualidade da Antropologia**. Petrópolis: Vozes, 1999.

Banca dos Problemas. ***Triture aqui tus problemas***. Disponível em:
<<https://tritureauquisusproblemas.blogspot.com/2020/04/blog-post.html?m=1>>. Acesso em: 11/08/2023.

BARROS, José Márcio. Olhar a cidade, obscena. In: **Fólio**: revista do Curso de Especialização em Artes Plásticas e Contemporaneidade da Escola Guignard Vol. 1, n.1 (2003); p. 6-14.

BASBAUM, Ricardo. **Você gostaria de participar de uma experiência artística?** Tese (doutorado) - Universidade de São Paulo. Escola de Comunicações e Artes. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, São Paulo, 2008.

BAUMAN, ZYGMUNT. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BECKER, Jéssica Araújo. **Cotidiano Experimentado**: o processo criativo na prática de ações. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Artes. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Porto Alegre, BR-RS, 2011.

BECKER, Jéssica Araújo. **O eu e o outro**: alteridade e identidade na construção do processo artístico. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Artes. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**. Porto Alegre: Zouk, 2007, c2006.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética Relacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. As origens dos nomes de pessoas. **Revista Eletrônica de Linguística**, Ano 1, nº1, 1º Semestre de 2007.

COLLINS, Patricia Hill. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

Contexto. **Dicio - Dicionário Online de Português**, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/contexto>>. Acesso em: 18/08/2023.

Contexto. **Michaelis - Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**, 2023. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/conteyto/>>. Acesso em: 18/08/2023.

DA SILVA, Flávia Gonçalves. Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural. **Psic. da Ed.**, São Paulo, 28, 1º sem. de 2009, pp. 169-195.

DA SILVA, Tomaz Tadeu; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença**: A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2014.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2012.

Deriva. **Dicio - Dicionário Online de Português**, 2009. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/deriva/>>. Acesso em: 18/08/2023.

Dicionário de Nomes Próprios, 2023. Disponível em: <<https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/>>. Acesso em: 11/01/2023.

Disintegration. **Marilyn Arsem**, 2023. Disponível em:
<<http://marilynarsem.net/projects/disintegration/>>. Acesso em: 09/02/2023.

DUARTE, Vânia Maria do Nascimento. Expressões idiomáticas; **Brasil Escola**. Disponível em:
<<https://brasilecola.uol.com.br/portugues/expressoes-idiomaticas.htm>>. Acesso em: 11/08/2023.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. E-book. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/>. Acesso em: 28/07/2023.

Esperando Jéssica. Disponível em:
<<http://esperandojessica.blogspot.com/?m=1>> Acesso em: 11/08/2023.

FREIRE, Cristina. **Poéticas do Processo**: Arte Conceitual no Museu. São Paulo: Editora Iluminuras, 1999.

GLUSBERG, Jorge. **A Arte da Performance**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

GOLDBERG, Roselee. **A Arte da Performance**: do futurismo ao presente. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

GUATTARI, Felix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Rio de Janeiro, RJ: Ed. 34, 1992.

HALL, STUART. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HERVÉ FISCHER NO MAC USP. **MAC USP**, 2011. Disponível em:
<<http://www.mac.usp.br/mac/expos/2012/hervefischer/galeria.htm>>. Acesso em: 28/07/2023.

Histórias Ambulantes: projeto que compartilha narrativas de vida em Porto Alegre completa 11 anos. **Sul 21**, dez/2017. Disponível em:
<<https://sul21.com.br/cidades/2017/12/historias-ambulantes-projeto-que-compartil>

[ha-narrativas-de-vida-em-porto-alegre-completa-11-anos/](#)>. Acesso em: 08/02/2023.

Identidade. **Michaelis - Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**, 2023. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/identidade/>>. Acesso em: 28/07/2023.

JACQUES, Paola Berenstein. **A Apologia da Deriva**: Escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

Jéssica Becker. Disponível em: <<https://www.jessicabecker.art/>>. Acesso em: 08/02/2023.

KAYE, Nick. **Site-Specific Art: Performance, Place and Documentation**. New York: Routledge, 2000.

KWON, Miwon. **One place after another: site-specific art and locational identity**. Cambridge: MIT Press, 2004.

La Monte Young, Composition 1960 #10. Walking as Artistic Practice, 2021. Disponível em: <<https://teaching.ellenmueller.com/walking/2021/12/11/la-monte-young-composition-1960-10/>>. Acesso em: 18/08/2023.

LIMA, Eduardo Rocha. A Cidade Caminhada... O Espaço Narrado. **Redobra**, n.11, p.202-211, 2022.

LIPPARD, Lucy R.. A Desmaterialização da Arte. In: **Arte & Ensaios**. Rio de Janeiro: Vol.20, n.25, 2013.

MAHEIRIE, Kátia. Constituição do Sujeito, Subjetividade e Identidade. **INTERAÇÕES**, VOL. VII, n.o 13, p. 31-44, JAN-JUN 2002.

Miwon Kwon. **Wikipédia**, 2023. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Miwon_Kwon>. Acesso em: 16/08/2023.

Pierre Bourdieu. **Wikipédia**, 2023. Disponível em:
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Pierre_Bourdieu>. Acesso em: 16/08/2023.

Procurom-me - Lenora de Barros. **Google Arts & Culture**. Disponível em:
<<https://artsandculture.google.com/asset/procurom-me-lenora-de-barros/tAEpEAYRZpasbQ?hl=pt-br>>. Acesso em: 18/07/2023.

Proposição. **Dicio - Dicionário Online de Português**, 2020. Disponível em:
<<https://www.dicio.com.br/proposicao/>>. Acesso em: 18/08/2023.

RIECK, Maíra Brum. **O sujeito não sabe o nome do que ele é: enigmas do nome próprio**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2011.

RUTHERFORD, Jonathan. **Identity, community, culture, difference**. London: Lawrence & Wishart, 1990.

SEIDEL, Marisa Frohlich. Arte Contemporânea: Arte e Vida. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, Ano, 01, Vol. 07, p. 52-62. Agosto de 2016.

Situationist International. **Wikipédia**, 2023. Disponível em:
<https://en.wikipedia.org/wiki/Situationist_International>. Acesso em: 18/08/2023.

Sonder. **THE DICTIONARY OF OBSCURE SORROWS**, 2012. Disponível em:
<<https://www.dictionaryofobscuresorrows.com/post/23536922667/sonder>> Acesso em: 18/07/2023.

STILES, Kristine. **Theories and documents of contemporary art: a sourcebook of artists' writings**. Berkeley: University of California Press, 1996.

Subjetividade. **Dicio - Dicionário Online de Português**, 2018. Disponível em:
<<https://www.dicio.com.br/subjetividade/>>. Acesso em: 28/07/2023.

Subjetividade. **Wikipédia**, 2022. Disponível em:
<<https://pt.wikipedia.org/wiki/Subjetividade> >. Acesso em: 28/07/2023.

Taxonomia. **Michaelis - Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**, 2023.
Disponível em:
<<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/taxonomia/>>. Acesso em: 11/08/2023.

Yoko Ono, *Map Piece* 1962-1964. ***Walking as Artistic Practice***, 2021. Disponível em:
<<https://teaching.ellenmueller.com/walking/2021/05/30/yoko-ono-map-piece-1962-64/>>. Acesso em: 18/08/2023.